

## [Era uma vez, uma cidade...]

REPRESENTAÇÕES DA CIDADE A  
PARTIR DO SUJEITO COMUM:  
UMA LEITURA DO TERRITÓRIO  
VILABOENSE.

Nayara Cristina Gonçalves Silva  
2022



## ANEXO I DA RESOLUÇÃO – CEPEC Nº 1674



---

### TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Nayara Cristina Gonçalves Silva

Título do trabalho: Representações da cidade a partir do sujeito comum: uma leitura do território vilaboense

Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [  ] SIM [  ] NÃO<sup>1</sup>

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

*Nayara Cristina G. Silva*

Assinatura(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as) <sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

*João Paulo Oliveira Gonçalves*

Assinatura do(a) orientador(a) <sup>2</sup>

Data: 04 / 04 /2022

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

<sup>2</sup> As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CIDADE DE GOIÁS  
NAYARA CRISTINA GONÇALVES SILVA

**REPRESENTAÇÕES DA CIDADE A PARTIR DO SUJEITO COMUM:  
UMA LEITURA DO TERRITÓRIO VILABOENSE.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Campus Cidade de Goiás, para aprovação na disciplina de TCC.

**Orientador:** Me. João Paulo Oliveira Huguenin

Cidade de Goiás

2022

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Nayara Cristina Gonçalves

Representações da cidade a partir do sujeito comum: [manuscrito] : uma leitura do território vilaboense / Nayara Cristina Gonçalves Silva. - 2022.

CXXXIII, 133 f.: il.

Orientador: Prof. João Paulo Oliveira Huguenin.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2022.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Representação. 2. Sujeito Comum. 3. Planejamento participativo. 4. Goiás. I. Huguenin, João Paulo Oliveira, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos treze dias do mês de abril do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Representações da cidade a partir do sujeito comum: uma leitura do território vilaboense”, de autoria de Nayara Cristina Goncalves Silva, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Me. João Paulo Oliveira Huguenin – orientador (UAECSA-CG/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Emilliano Alves de Freitas Nogueira (UAECSA/UFG) e Wagner Falcão Carlos (Campus Goiás/IFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9.0 (nove) , tendo sido o TCC considerado (informe se foi aprovado/reprovado).

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



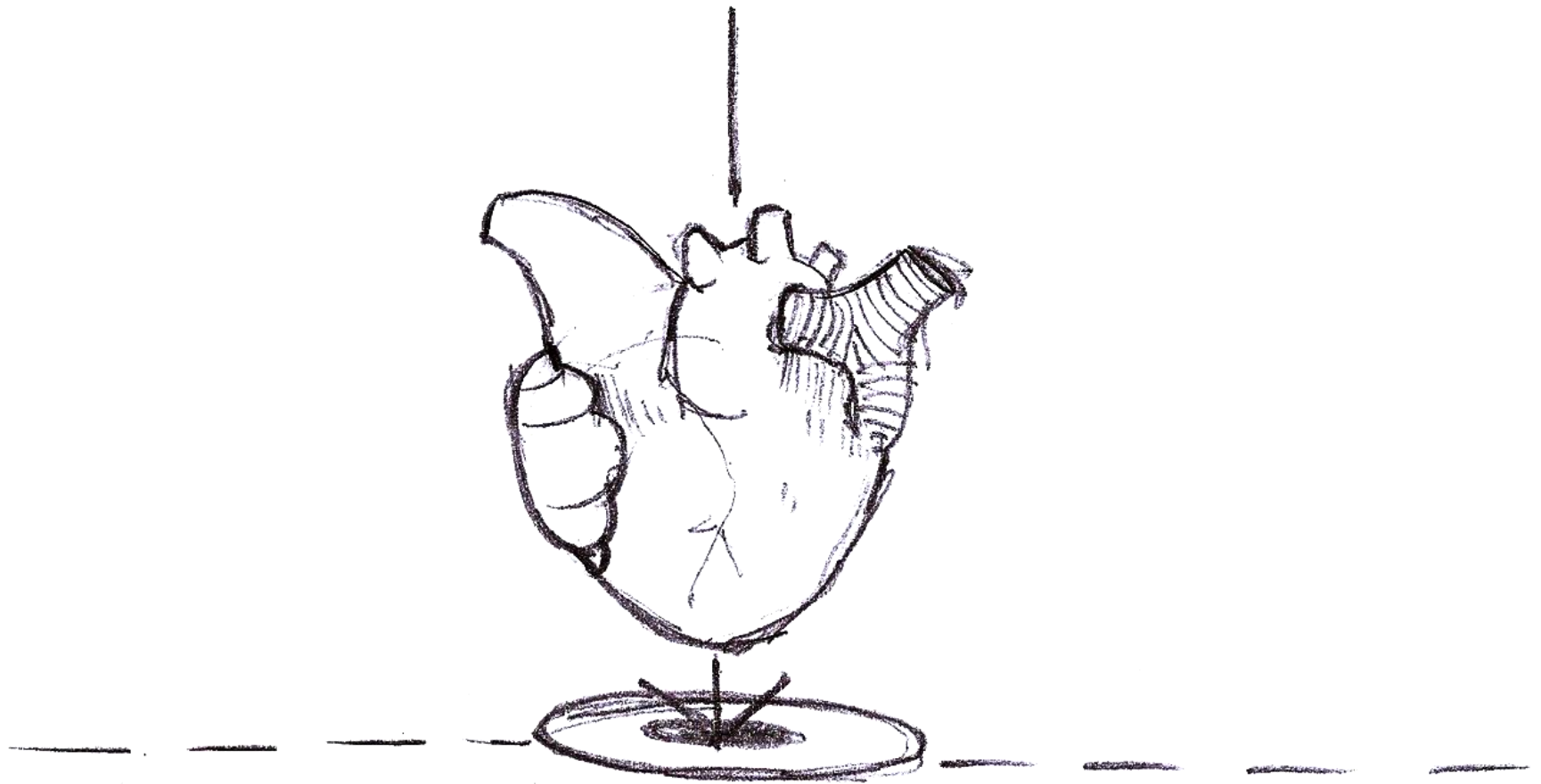
Documento assinado eletronicamente por **Joao Paulo Oliveira Huguenin, Professor do Magistério Superior**, em 13/04/2022, às 18:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Emilliano Alves De Freitas Nogueira, Professor do Magistério Superior**, em 13/04/2022, às 18:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2793037** e o código CRC **DBEF2920**.



Se ver um negro no caminho, pede a benção.

## **Agradecimentos**

À minha mãe, por cada sacrifício que proporcionou meus privilégios.

Aos que me regem e acompanham, por cada explosão de força.

Aos amigos, que acreditaram muito mais que eu.

À professora Luciana Helena Alves da Silva, que me ensinou a fazer pesquisa e que me mostrou  
que pesquisar é compartilhar o meu sentir.

Ao meu orientador, pela flexibilidade e paciência com cada mudança, na pesquisa e em mim.

## Lista de Ilustrações

<b>Fig.01:</b> representações das escalas urbanas no setor Goiás 2.....	17
<b>Fig.02:</b> croquis de análise do bairro Tempo Novo.....	18
<b>Fig.03:</b> croquis de análise tipológicas do bairro Tempo Novo.....	20
<b>Fig.04:</b> Representação técnica de proposta projetual para o bairro Tempo Novo.....	33
<b>Fig.05, 06 e 07:</b> registros das oficinas participativas realizadas pelo LabProj no bairro Tempo Novo.....	42
<b>Fig.08 e 09:</b> registros do livreto “Strist Vistas”, Camila Mendonça Garcia.....	45
<b>Fig.10, 11, 12 e 13:</b> registros do livreto “Strist Vistas”, Camila Mendonça Garcia.....	46
<b>Fig. 14, 15 e 16:</b> registros etnográficos do bairro Catumbi.....	47
<b>Fig. 17:</b> registros etnográficos do bairro Catumbi.....	48
<b>Fig.18 e 19:</b> registros do livreto “Entre a rua e o imaginário”, Elisa Azevedo Ribeiro.....	49
<b>Fig.20:</b> registros do livreto “Entre a rua e o imaginário”, Elisa Azevedo Ribeiro.....	50
<b>Fig. 21:</b> Croqui esquemático da situação do município de Goiás na microrregião do Rio Vermelho e deste no Estado de Goiás.....	54
<b>Fig. 22:</b> Planta de Vila Boa, capital da capitania geral de Goiás.....	58
<b>Fig. 23:</b> Prospecto de Vila Boa, 1751.....	63
<b>Fig. 24 e 25:</b> Largo do Rosário, Goiandira do Couto.....	65
<b>Fig. 26:</b> O vendedor de lenha, Octo Marques.....	66

<b>Fig. 27:</b> Rua Direita, Octo Marques.....	66
<b>Fig. 28:</b> Largo do Rosário, Octo Marques.....	64
<b>Fig. 29:</b> Boiada no Largo do Moreira.....	66
<b>Fig. 30:</b> Telhados, Tom Maia.....	67
<b>Fig. 31:</b> Rua do Horto, Tom Maia.....	68
<b>Fig. 32:</b> Rua da Cambaúba, Tom Maia.....	68
<b>Fig. 33:</b> 1999, Marcelo Solá.....	69
<b>Fig. 34:</b> Carro de boi, Auriovane Jr.....	70
<b>Fig. 35:</b> Casa do Octo Marquer, Elder Lima.....	71
<b>Fig. 36:</b> Beco, Elder Lima.....	71
<b>Fig. 37 e 38:</b> Tête-à-tête Goiás, Nayara Gonçalves.....	72
<b>Fig. 39, 40 e 41:</b> Representações da cidade feitas em artesanato comercial.....	73
<b>Fig. 42:</b> Croqui da Cidade de Goiás – GO.....	83
<b>Fig. 43:</b> Croqui da situação do CEPI Prof <sup>o</sup> Alcides Jubé.....	84
<b>Fig. 44:</b> Croqui da Fachada do CEPI Prof <sup>o</sup> Alcides Jubé.....	84
<b>Fig. 45:</b> Registro da Oficina.....	86
<b>Fig. 46 e 47:</b> Registro da Oficina.....	92
<b>Fig. 48:</b> Produção dos estudantes.....	94
<b>Fig. 49, 50 e 51:</b> Produção dos estudantes.....	95

<b>Fig. 52 e 53:</b> Produção dos estudantes.....	96
<b>Fig. 54, 55 e 56:</b> Produção dos estudantes.....	97
<b>Fig. 57 e 58:</b> Produção dos estudantes.....	98
<b>Fig. 58, 60, 61 e 62:</b> Produção dos estudantes.....	99
<b>Fig. 63, 64 e 65:</b> Produção dos estudantes.....	100
<b>Fig. 66:</b> Produção dos estudantes.....	101
<b>Fig. 67:</b> Produção dos estudantes.....	102
<b>Fig. 68 e 69:</b> registros de campo, deslocamento em transporte público coletivo.....	109
<b>Fig. 70:</b> registros de memória do setor João Francisco.....	110
<b>Fig. 71:</b> registros de observação do setor João Francisco.....	111
<b>Fig. 72:</b> registros de memória do setor Alto Santana.....	113
<b>Fig. 73:</b> registros de observação do setor Alto Santana.....	114
<b>Fig. 74:</b> registros de observação do setor Alto Santana.....	115
<b>Fig. 75:</b> registros de observação do setor Araguay.....	115
<b>Fig. 76:</b> registros de observação da vila São Vicente.....	116
<b>Fig. 77:</b> Percursos assistidos pelo Street View, na Cidade de Goiás.....	117
<b>Fig. 78:</b> registros de observação da vila São Vicente .....	118
<b>Fig. 79 e 80:</b> registros de observação do bairro João Francisco.....	119
<b>Fig. 81:</b> registros de observação do bairro João Francisco.....	120

**Fig. 82:** registros de observação do setor aeroporto.....121

# Sumário

<b>1. RESUMO</b> .....	15
<b>1.2. RESUMEN</b> .....	16
<b>2. INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>2.1. Trajetória Metodológica</b> .....	26
<b>2.2. Proposta metodológica 1</b> .....	26
2.2.1. Reunião Observatório Popular do PDP da Cidade .....	26
2.2.2. Audiência pública digital Prefeitura de Goiás .....	27
<b>2.3. Proposta Metodológica 2</b> .....	29
<b>2.4. Metodologia Final</b> .....	31
<b>Proposta Metodológica 3</b> .....	31
<b>2.5. Justificativa</b> .....	34
<b>2.6. Resultados esperados</b> .....	35
<b>3. Capítulo 1:</b> .....	37
<b>Representações da cidade pela Arquitetura e Urbanismo</b> .....	37
<b>3.1. Representações técnicas da cidade</b> .....	39
<b>3.2. O desenho como metodologia de representação das periferias</b> .....	43
<b>4. Capítulo 2:</b> .....	55
<b>Narrativas sobre a cidade</b> .....	55
<b>4.1. A Cidade de Goiás pela vivência de uma estudante de arquitetura</b> .....	56
<b>4.2. A Cidade de Goiás apresentada nos livros</b> .....	58
<b>4.3. A Cidade de Goiás nas representações artísticas</b> .....	66

5. Capítulo 3:.....	80
A cidade de quem vive pela cidade .....	80
5.1. Quem são esses sujeitos .....	81
5.2.1. Relatório das oficinas .....	91
6. Capítulo 4:.....	110
Confronto entre espacialidade e narrativa .....	110
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
8. Referências .....	130



## 1. RESUMO

A proposta do Trabalho de Conclusão de Curso “Representações da cidade a partir do sujeito comum: uma leitura do território vilaboense” se constitui em uma pesquisa de caráter teórico-analítico. Embora os trabalhos de cunho propositivo sejam mais recorrentes no curso de Arquitetura e Urbanismo, acreditamos que a realização de uma pesquisa com este caráter é uma forma potente de refletir sobre a formação do arquiteto-urbanista além de cumprir a importante função de refletir sobre a própria prática projetiva. A partir de um questionamento sobre as características da representação gráfica para a disciplina de Arquitetura e Urbanismo buscamos as possibilidades, potencialidades e limitações de compreensão do território urbano, abrindo espaço para o questionamento das intervenções neste campo. O contexto mundial e local levou a uma série de reestruturações da pesquisa ao longo de seu desenvolvimento. A pesquisa foi estruturada da seguinte forma: 1) revisão bibliográfica e definição do referencial teórico-metodológico; 2) realização da pesquisa empírica-qualitativa; 3) cotejamento das descobertas do trabalho de campo com o referencial teórico-metodológico empregado. Chegamos assim a considerações sobre a representação do espaço urbano e seu reatamento no campo da Arquitetura e Urbanismo.

**Palavra-Chave:** Representação; Sujeito Comum; Planejamento participativo; Goiás.

## 1.2. RESUMEN

La propuesta de la tesis de pregrado “Representaciones de la ciudad desde el sujeto común: una lectura del territorio de Goiás-GO” constituye una investigación teórico-analítica. Si bien los trabajos de carácter propositivo son más recurrentes en la carrera de Arquitectura y Urbanismo, creemos que la realización de una investigación con este carácter es una forma poderosa de reflexionar sobre la formación del arquitecto-urbanista además de cumplir la importante función de reflexionar sobre el proyecto. A partir de un cuestionamiento sobre la representación gráfica para la disciplina de Arquitectura y Urbanismo, buscamos las posibilidades, potencialidades y limitaciones de comprender el territorio urbano, abriendo espacio para el cuestionamiento de las intervenciones en este campo. El contexto global y local llevó a una serie de reestructuraciones de la investigación a lo largo de su desarrollo. La investigación se estructuró de la siguiente manera: 1) revisión bibliográfica y definición del marco teórico-metodológico; 2) realizar actividades empírico-cualitativas; 3) Comparación del trabajo de campo con el referencial teórico-metodológico utilizado. Llegamos así a consideraciones sobre la representación del espacio urbano y en su incidencia en el campo de la Arquitectura y Urbanismo.

**Palabras claves:** Representación; sujeto común; planificación participativa; Goiás.



**Para quando tudo isso melhorar [para o mundo ou para mim] ...**

*Me formei artista visual, habilitada para trabalhar como designer de interiores e exerci durante um tempo, até que as necessidades do mercado de trabalho me fizeram retornar para as cadeiras da universidade e realizar mais uma graduação, Arquitetura e Urbanismo. Tinha plena convicção do que precisava fazer e pretendia não me envolver em nada além, até que comecei a me deparar com situações e questionamentos altamente segregadores, e passei a pensar como a arquitetura podia reforçar essas injustiças. Busquei muito me reconhecer na arquitetura e urbanismo “convencionais”, que enquadram e encaixam situações e acreditam serem capazes de controlá-las. Fracassei. A arquitetura nos moldes elitistas não abria espaço para mim e empurrava para as margens pessoas que eu tinha muito próximas.*

*Tenho raízes na Cidade de Goiás, e só com o falecimento da mãe de minha mãe eu percebi a força dessas raízes. “Só se valoriza depois que se perde...” Típico conselho que recebemos na adolescência e que negligenciamos até que aconteça. Em vida, minha avó contava histórias de quando ela viveu em Goiás, dizia que conheceu Maria Grampinho, que morava perto da Praça da Manchorra e que em frente à casa dela tinha um pequizeiro. Pelo*

*nível do poder aquisitivo da minha família materna, não existem registros fotográficos, ou de qualquer natureza, desses fatos. Ainda hoje, não consigo identificar um pequizeiro se ele não estiver carregado de frutos, mas sei que em frente à casa da minha avó, no famigerado “Chupa-Osso”, tinha um pé de pequi. As memórias externalizadas oralmente pela minha avó, mesmo que inconscientemente, enlaçaram a minha relação com a Arquitetura e Urbanismo e fortaleceram minha busca por um planejamento afetivo e empático, que considere a relação das pessoas com o lugar, que considere o pertencimento e a representatividade de sujeitos que são gerados pelas cidades, mas que não os deseja, como a minha avó, cabocla tão preta quanto indígena, que pariu 12 filhos e os sustentava como podia nos intervalos em que sofria as agressões do marido. Obviamente, isso não foi percebido no ato. Foram trajetórias de pesquisas que sempre me faziam sentir o peso de um planejamento no momento em que era necessário lidar com decisões que iam de encontro à justificativas e motivações meramente topofílicas, de elos emocionais com os espaços. E tudo o que essas relações tinham como defesa era o poder da memória e da oralidade. Assim como minha avó, mas eu nunca ouvia. Depois de perceber o tamanho da perda de história que se foi com ela, entendi a importância de ouvir e recontar. Eu sou artista, ilustradora, aquarelista,*

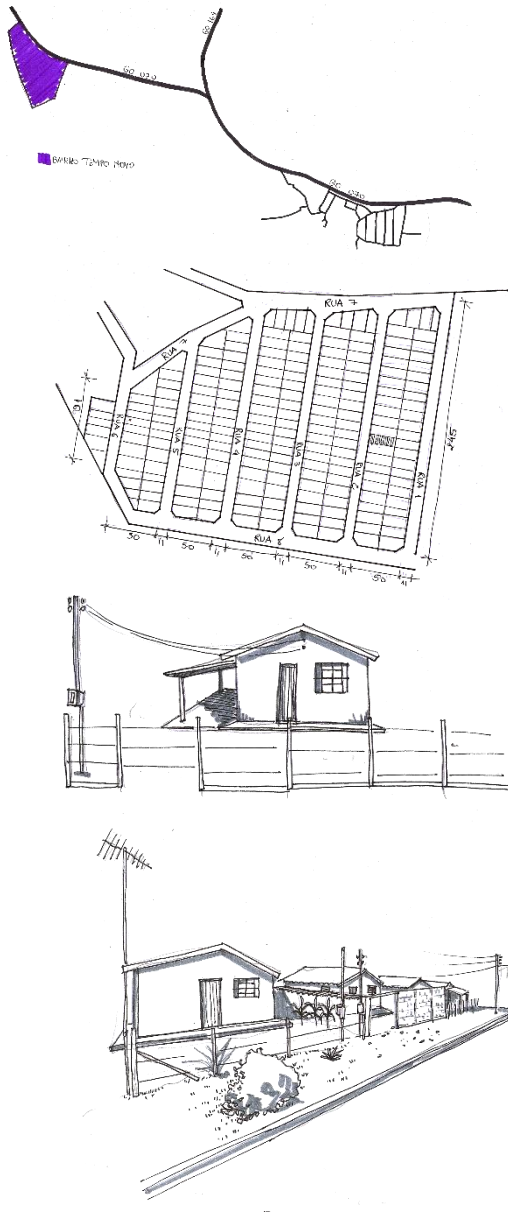
*tatuadora. Eu penso, entendo, falo e me faço entender com desenhos. Acredito que o registro de uma memória ajuda a contar e manter vivas histórias, fortalecem os sujeitos e os coletivos, pois lança sobre eles visibilidade, reconhecimento e representatividade.*

*Em meio a uma pandemia global que exige distanciamento e isolamento social, construir um trabalho que deveria se basear na escuta e no contato com o outro tem sido desafiador. Mas, se em algum momento, as necessidades acadêmicas, mercadológicas ou de qualquer natureza me fizerem esquecer do que me move enquanto arquiteta-urbanista, que esse trabalho possa me ajudar a lembrar, que minha avó, embaixo do pé de pequi, na frente da casa no alto do Chupa-Osso, possa me ajude a lembrar.*



## 2. INTRODUÇÃO





Quando falamos sobre uma possibilidade comunicativa precisamos entender as condicionantes que favorecem um processo de comunicação e diálogo limpos de ruídos e interferências. Entendendo o desenho como a linguagem base da arquitetura e urbanismo, precisamos compreender, de fato, as escalas de representação, quem pode decodificá-las e como isso se faz. Por mais que seja considerada uma linguagem universal, o desenho sempre vem carregado com as intenções de quem desenha. Jonathas Magalhães Pereira da Silva (2019) quando apresenta os papéis do desenho, afirma que:

“O desenho e as demais técnicas conferem um poder a quem os desenvolve: a escolha de um olhar crítico e individual que se somará às demais referências e potencializará o novo. No ato de desenhar, nada do que é registrado existe sem a reflexão e decisão de representar. Desenho, nesse papel, é interpretar o objeto”. (SILVA, 2019, p.18)

E, acrescido a isso, o desenho também deixa livre as possibilidades de interpretação de quem o lê. Sendo assim, é complexo afirmar que as representações de cidade disponibilizadas nos inúmeros livros de arquitetura e urbanismo tratam de cidades reais, por mais que a intenção de quem as representou tenha sido a de ilustrar um espaço urbano. A característica estática do desenho dificulta leituras de urbanidade e vitalidade urbana, e exige um certo grau de vivência para reconhecer as subjetividades ocultas na intenção da representação. Quando essas questões são direcionadas para as regiões periféricas dos núcleos urbanos a situação pode ficar ainda mais complexa e trazemos as fig. 01 e 02 para ilustrar essa dificuldade.

Fig. 01: representações das escalas urbanas no setor Goiás 2 na Cidade de Goiás para disciplina de Projeto Urbano e Paisagístico 3. (Produção própria a partir de referência de satélite, 2021)



Fig. 02: croquis de análise do bairro Tempo Novo, na Cidade de Goiás, para disciplina de Projeto Urbano e Paisagístico 3. (Produção própria a partir de referência de satélite, 2021)

A Cidade de Goiás, objeto de estudo deste trabalho, possui uma configuração urbana básica composta por um centro histórico, um centro comercial, periferias pertencentes ao tecido urbano e periferias desconectadas completamente desse tecido situados nas áreas dos distritos, cada uma tendo seu nível de prioridade de atendimento por parte do poder público municipal. Não entraremos aqui na conceituação e discussão sobre as áreas rurais, assentamentos e distritos do município, mas trataremos e retrataremos essas periferias.

Várias são as formas de se comunicar direta ou indiretamente, consciente ou subjetivamente, verbalmente, gestualmente, visualmente, artisticamente. Na arquitetura e urbanismo, como em outras profissões, os agentes que exercem a função de arquiteto e urbanista são condicionados a se ajustarem a uma linguagem específica. Linguagem baseada, primordialmente, na representação técnica. Essa condicionante transforma a arquitetura e urbanismo em uma disciplina inacessível a quem não foi ensinado a expressão técnica da mesma, seja em termos ou em representação gráfica. No entanto, muito se fala em processo participativo e espaços democráticos e inclusivos, condições que estimam a aproximação de sujeitos que podem não se familiarizarem com a fala da arquitetura e urbanismo tornando necessária a existência de uma mediação, impossibilitando a autonomia crítica de quem dialoga com ela.

A Cidade de Goiás passa pelo processo de discussão e revisão do plano diretor municipal desde 2016. O crescimento do município é então embasado no “Código de Postura”, datado de 1978 sob a forma da lei nº22 e em um plano de desenvolvimento urbano, datado de 1996 sob a forma da Lei nº 206, e se encontra sem condições suficientes para orientar o atual crescimento e

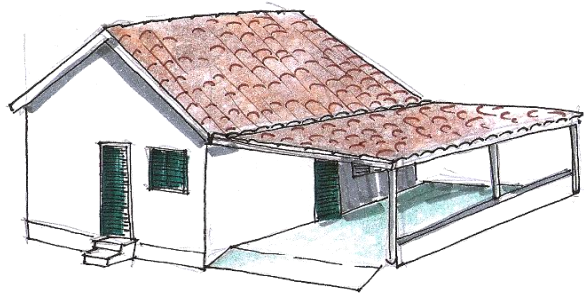
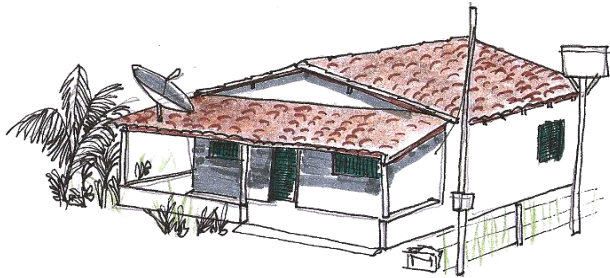


Fig. 03: croquis de análise tipológicas do bairro Tempo Novo, na Cidade de Goiás, para disciplina de Projeto Urbano e Paisagístico 3. (Produção própria a partir de referência de satélite, 2021)

desenvolvimento do município. Sob a gestão 2020-2024 se iniciou o processo de consulta pública do novo plano diretor participativo do município. Com o objetivo de tornar esse processo o mais democrático possível, intuições da sociedade civil têm se organizado de modo a levantar questões e propor debates inclusivos a todas as esferas da população vilaboense. Após participação na audiência pública digital, convocada pela prefeitura da cidade no dia 24 de agosto de 2021, sob a proposta de tratar do plano plurianual – PPA 2022-2025 e da lei orçamentária anual – LOA 2022, integrados ao Processo de Consulta Pública do novo plano diretor participativo do município de Goiás/GO, concluímos que o referido PDP tem se mostrado pouco favorável a efetiva participação da sociedade e, com isso, de difícil aplicação da metodologia proposta nesse trabalho, impossibilitando o desenvolvimento de uma pesquisa com reais devolutivas para o município, mas mantemos a expectativa de possíveis aplicações em outros processos futuros.

Ainda imerso nesse contexto, esse trabalho tem como objetivo pensar e propor formas participativas de análise da cidade, através do desenho, que envolvam e se comuniquem com o sujeito comum da cidade, aquele relegado às margens sociais e territoriais e que é diretamente afetado, na sua vivência urbana, pelo modo como a cidade cresce e se desenvolve. Apresentaremos melhor esse sujeito no capítulo 3, quando retratarmos suas narrativas. Somente com uma análise do cotidiano em que os sujeitos comuns conheçam e apresentem seu próprio espaço seremos capazes de inseri-lo em um processo participativo.

Como metodologias, serão realizadas revisões bibliográficas, estudos de referências, estudos de caso, participação nas audiências públicas municipais, contato com a comunidade para

identificar nos sujeitos comuns atores-chaves para o reconhecimento e apresentação da cidade pelo seu cotidiano e linguagem e o desenvolvimento das análises através de representações gráficas. A inclusão da comunidade é primordial para esse trabalho e considerando a realidade pandêmica mundial, a metodologia é pensada de modo a não expor nenhum sujeito envolvido a qualquer risco de contágio, seja utilizando plataformas digitais, quando possível, realizando contatos presenciais mínimos, com o cumprimento dos protocolos de saúde, quando necessário e respeitando o cronograma de vacinação do município.

Como produto final se objetiva a construção de uma proposta comunicativa estruturada a partir dos desenhos desenvolvidos no processo de análise e interpretação das informações levantadas durante o trabalho. Para garantir a democratização desse material propomos a utilização dos desenhos desenvolvidos como proposta metodológica e outras estratégias visuais que facilitem o diálogo com todas as camadas sociais do município, utilizando recursos de imagens e materiais audiovisuais. Ao final das discussões e levantamentos realizados, uma prévia diretriz de planejamento será apontada nessa proposta considerando, principalmente, a relação e perspectiva do sujeito comum na construção da cidade, suas memórias e a relação topofílica com o território que ele habita, entendendo topofilia conforme conceituação de Tuan (1974, p.5) como “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência [...]”, na intenção de propor reflexões sobre a inserção do arquiteto e urbanista na cidade.

## **2.1. Trajetória Metodológica**

## **2.2. Proposta metodológica 1**

Um processo investigativo deve sempre se adaptar às condições objetivas de sua realização. Inicialmente, acreditamos que o contexto de discussão do novo Plano Diretor Participativo de Goiás seria um momento oportuno para utilizarmos as representações da cidade pelo sujeito comum como forma de compreender as complexas dinâmicas do território e, também, como forma de decodificar suas propostas para o futuro da cidade. No entanto, o processo realizado pela Prefeitura Municipal de Goiás estava mais interessado em parecer participativo do que de fato estimular um debate com os cidadãos vilaboenses.

Como apresentado na metodologia, para identificar as visões sobre a Cidade de Goiás e as propostas de desenvolvimento para a mesma, participamos de uma reunião do Observatório Popular do PDP da Cidade, realizada virtualmente no dia 16 de agosto de 2021, e uma audiência pública digital da Prefeitura da Cidade de Goiás, realizada no dia 24 de agosto de 2021, ambas tinham em suas pautas as discussões sobre o Plano Diretor Participativo da Cidade de Goiás.

### **2.2.1. Reunião Observatório Popular do PDP da Cidade**

Durante a reunião, um dos principais pontos de discussão foi o teto de 2 horas e meia destinado à audiência pública digital para o plano plurianual 2022-2025, lei orçamentaria anual 2022 e novo plano diretor participativo do município de Goiás, por parte da prefeitura. O teto foi considerado curto para a quantidade e relevância das pautas discutidas induzindo ao

questionamento das intenções da prefeitura com essa ação. Se questionou também a definição que a prefeitura possuía do termo audiência, e se afirmou a importância de todas as organizações estarem patamarizadas quanto aos conceitos utilizados durante o processo de discussão.

A reunião apresentou a importância da solicitação de orçamento para a elaboração do PDP e muito se discutiu sobre a redação de uma carta de repúdio acerca da organização da convocatória. O observatório apresentou e exigiu uma metodologia que considerasse a realidade pandêmica e o cenário de vacinação na cidade. E condenou a ausência de diálogo e transparência entre a prefeitura e a sociedade civil organizada, propondo como alternativa a criação do núcleo gestor uma vez que a Comissão Especial criada pela prefeitura conta apenas com membros da própria prefeitura.

Durante as falas identificamos o surgimento de um potencial agente de crescimento urbano na Cidade de Goiás: uma ocupação urbana vizinha ao setor Goiás 2.

#### 2.2.2. Audiência pública digital Prefeitura de Goiás

O prefeito fez uma fala ressaltando a importância das audiências públicas na construção do processo democrático e discursou sobre os impactos da pandemia e as perdas humanas. Após apresentar um balanço das realizações da atual gestão, o prefeito se retirou para atender a um compromisso com um representante religioso da cidade.

Durante a audiência, o primeiro problema identificado se referiu ao fato de que o entendimento da prefeitura sobre a conceituação de audiência pública não estava alinhado com o entendimento da conceituação de audiência pública dos representantes dos movimentos presentes. Se esperava uma apresentação de propostas e, no entanto, a prefeitura não apresentou nenhuma, nem previamente e nem durante a referida audiência. Os números dos orçamentos também não foram apresentados. A prefeitura justificou a ausência de propostas com mais ausências, de cronograma e de orçamento.

As poucas e rasas falas referentes ao PDP fizeram menção a gestão de recursos hídricos, destinação de resíduos sólidos e acesso a população rural, principalmente às mulheres. Ao final, ficou deliberada a necessidade de uma nova audiência onde a prefeitura apresente os números do orçamento e as propostas de destinação do mesmo para se iniciar os debates sobre as prioridades consideradas.

Concluimos, após participação nessa audiência, que a prefeitura pouco sabe sobre processo participativo, que se tratava apenas de um processo participativo teatral e apresentou muitas dificuldades em se ajustar ao que é necessário para a construção de um processo participativo real. Devido a esses fatores, a proposta inicial e a metodologia deste trabalho foram revistas.

### **2.3. Proposta Metodológica 2**

Por se tratar de um trabalho que considera a realidade de sujeitos que vivem às margens sociais e territoriais do município, a inclusão da comunidade é primordial para esse trabalho e considerando a realidade pandêmica mundial, a metodologia será pensada de modo a não expor nenhum sujeito envolvido a qualquer risco de contágio, respeitando o cronograma de vacinação da cidade, utilizando plataformas digitais, quando possível, e realizando contatos presenciais com o cumprimento dos protocolos de saúde, quando necessário. Assim, o trabalho vivencia o desafio de identificar e entender quem são esses sujeitos, como eles vivem e se relacionam com a cidade e os vínculos que os tornam pertencentes ao lugar que habitam.

A base bibliográfica acompanhará todo o caminho do trabalho, a fim de suprir questionamentos e ações/respostas não planejadas na elaboração da metodologia. A parte disso, inicialmente, propomos a elaboração de um contato virtual para entendermos quais os sujeitos que conseguiremos atingir com essa alternativa para então propormos um contato físico com os sujeitos que o virtual não alcançar. Esses contatos acontecerão sob o formato de entrevistas semiestruturadas. A base do diálogo se dará por intermédio de material gráfico e recursos de imagens e audiovisuais compartilhados virtualmente e presencialmente.

Como o trabalho se propõe a apresentar uma possibilidade comunicativa através de representações gráficas que considerarão a perspectiva do sujeito comum, os desenhos *in loco* e pesquisas de campo também se fazem necessárias. Uma alternativa é a visita guiada através

de recursos computacionais como o Google Street View, e solicitação de imagens que comporão a base dos desenhos para análise dos próprios sujeitos. Essa alternativa inviabiliza a definição de desenho como leitura e análise sensível do espaço vivido e ainda possibilita a reprodução de um “arquetipo paisagístico”, uma vez que o espaço não está sendo vivido pelo sujeito que se dispôs a realizar a representação gráfica do mesmo.

Objetivamos assim, realizarmos uma análise de como a cidade é contada por quem vive seus trajetos e cenários, a cidade ilustrada por quem ouve essa descrição oral e como é representado esse território construído a partir da observação de quem representa. Ainda segundo Jonathas Magalhães Pereira da Silva:

“O desenho revela o que já não está mais presente. Possibilita reconstituir a história do lugar para compreender o presente. Retoma momentos vividos por outros. Comunica visualmente relatos verbais. O objeto do desenho, nesse papel, é a concretude da imaterialidade do processo”. (SILVA, 2019, p. 26)

Encaramos o desenho nessa perspectiva para lidarmos com as narrativas descritivas e de memória fornecidas pelos sujeitos levantados nesse trabalho, como ferramenta de reconstrução. Dentre esses sujeitos, elegeremos alguns atores-chaves que nortearão a construção oral da cidade a partir de seus cotidianos. A proposta é que esses atores descrevam, com o máximo possível de detalhes, como eles se lembram dos espaços urbanos que eles mais frequentam ou que, por algum motivo, estão fortemente consolidados em sua memória.

A partir dessa descrição oral será iniciada a etapa de construção imagética dessa narrativa. Nessa etapa, a proposta é analisar como essa oralidade é recebida, interpretada e representada por uma estudante de arquitetura e urbanismo, o que um profissional em formação é condicionado a considerar numa leitura de cidade e como a perspectiva e comunicação de um sujeito comum é entendida por um sujeito tendencioso a utilização da linguagem e representação técnica da arquitetura e urbanismo.

A terceira etapa dessa metodologia se baseia na ancoragem da pesquisa no local narrado pelo ator-chave. Para essa etapa, novos desenhos serão produzidos a partir de um exercício de observação *in loco*. A importância de estar inserido nesse local é estrutural no exercício de renovação de perspectivas, na tentativa de enxergar esse espaço de modo semelhante ao enxergado pelo narrador que o apresentou. Os desenhos produzidos aqui terão como objetivo mostrar o local construído e vivido e a partir da apresentação dessas cidades iniciar as reflexões de como a cidade é contada e como essa narração é ouvida.

#### **2.4. Metodologia Final**

##### **Proposta Metodológica 3**

Devido ao aumento de confirmações de casos de covid-19 na Cidade de Goiás a metodologia precisou ser refeita novamente. Sendo assim, a proposta anterior de trabalharmos com os sujeitos individualmente se mostrou insustentável, necessitando uma revisão, e optamos por trabalhar com coletivos para conseguirmos acessar um maior número de narrativas. Buscando

a diversificação desse sujeito, escolhemos como coletivos o Centro de Ensino em Período Integral (CEPI) Professor Alcides Jubé, o coletivo Mulheres Coralinas e o coletivo Recicla Goiás.

Elegemos esses coletivos por entendermos que com eles alcançaríamos sujeitos em fases da vida e ocupações variadas, que resultariam em sujeitos com vivências e dinâmicas urbanas distintas, logo, entendimentos diferentes e complementares sobre a Cidade de Goiás. Para trabalharmos com o CEPI Professor Alcides Jubé, entendendo que lidaremos com sujeitos vivendo a fase da infância e adolescência e que estão inseridos em uma instituição de ensino nos moldes tradicionais de ensino-aprendizagem, propomos a criação de 3 oficinas que tenham como objetivo entender onde esses sujeitos vivem, como ele se deslocam pela cidade e como ele a identifica. A dinâmica se desenvolverá sobre um mapa da Cidade de Goiás, na escala 1:15000, impresso em tamanho A0.

A dinâmica das oficinas será construída após a identificação dos sujeitos e suas rotinas. Na proposta para o CEPI, apresentamos a realização de 3 oficinas considerando que serão atividades desenvolvidas dentro da eletiva “Entre colagens e pinturas, experimentação da arte: Maria Auxiliadora, Ildima Lima e Njideka Akunyili”, da professora Karla Alessandra Alves de Souza, que tem duração de seis meses. Para a oficina<sup>1</sup>, a dinâmica consiste em identificar os sujeitos, o bairro em que vivem e como se deslocam pela cidade. Para isso, utilizaremos post-its, marcadores e lápis de cor. Cada sujeito identifica no mapa, com auxílio se for necessário, seu bairro e marca o trajeto que ele faz até a escola, seu principal deslocamento.

Para a oficina 2, a dinâmica será a construção de um mapa mental coletivo sobre o trajeto definido a partir da oficina 1. Cada sujeito desenvolverá um desenho de memória de uma parte do trajeto que possui relevância suficiente para ele, ao ponto de conseguir representá-lo sem a necessidade de observá-lo. Nesta oficina, trabalharemos com papel em formato A6 para que os desenhos sejam produzidos de forma mais rápida, sem muitas preocupações sobre detalhes ou aplicação de alguma técnica.

Para a oficina 3, a proposta consistirá na complementação desse mapa mental coletivo com desenhos da pesquisadora, estimulando a identificação de novos elementos do trajeto pelo sujeito e a análise das diferentes visões sobre aquele trajeto, tanto por quem o percorre diariamente, quanto por quem o percorre ocasionalmente e com objetivo específico. Para o desenvolvimento dos desenhos para a pesquisa, a pesquisadora realizará uma imersão em campo partindo do deslocamento pela cidade por meio do transporte público coletivo.

As dinâmicas que serão trabalhadas com o coletivo Mulheres Coralinas e Recicla Goiás serão propostas após o contato inicial com os sujeitos para entendermos quais suas potencialidades e disponibilidades de comunicação. O método poderá variar, extrapolando a escala do desenho estático e bidimensional, para favorecer as narrativas espontâneas desses sujeitos, que poderão, posteriormente, serem relidas pela pesquisadora e transmutadas em desenhos, se necessário.

## 2.5. Justificativa

Não é possível tratar de um processo participativo sem entender quem são os sujeitos que não estão nas prefeituras, nas universidades, nas associações e movimentos sociais, mas estão nas ruas, calçadas, supermercados, escolas, que se deslocam a pé ou em coletivos, que conhecem os becos, atalhos e *trieiros* que são estreitos demais para caber uma universidade ou aparecer nos mapas da prefeitura.

Questionamos a democratização das representações e leituras da cidade realizadas por arquitetos-urbanistas que não se inserem nos entremeios da cidade para entender o caminhar da mesma. Para investigarmos como é entendida a realidade das representações urbanas propomos uma metodologia que envolve narrativas e produção de imagens do território a partir dessas e com essas narrativas. Apresentando assim três leituras de cidade: a cidade contada, a cidade interpretada e a cidade consolidada.

Com o desenvolver do trabalho outra leitura de cidade surgiu e redefiniu algumas partes da pesquisa: a cidade-memória. Essa cidade que nos conta sobre a relação dos sujeitos com os espaços urbanos, através de suas lembranças e seus esquecimentos podemos identificar quanto desses lugares possuem representatividade suficiente para construir elos de pertencimento e identidade com seus habitantes.

## 2.6. Resultados esperados

Para a construção deste material, objetivamos elaborar um caderno que apresente algumas discussões acerca da representação e leitura das cidades pela arquitetura e urbanismo com ênfase nas periferias e nos sujeitos que vivenciam esses espaços. Iniciaremos a apresentação expondo o método aplicado neste trabalho para construção das representações e leituras da cidade a partir da perspectiva do sujeito comum. Propomos discussões sobre como as cidades são representadas e o papel do desenho enquanto ferramenta de representação, linguagem e expressão e deixamos as reflexões iniciais sobre como essas representações constroem a cidade no imaginário coletivo.

Intencionamos a construção de um caderno final que contenha uma introdução que apresentará o método aplicado na pesquisa, o capítulo 1 destinado às discussões sobre as representações da cidade pela Arquitetura e Urbanismo, apresentando as principais técnicas consolidadas e as possibilidades de representação e leitura. O capítulo 2 será destinado à apresentação da Cidade de Goiás – GO através de material bibliográfico contextualizando como seu desenvolvimento é contado historicamente, através de linguagens, narrativas e representações artísticas analisando como essa cidade é vista e apresentada através das obras de sujeitos que viveram imersos na realidade e dinâmicas desse espaço urbano. O capítulo 3 apresentará a cidade levantada através da aplicação da metodologia proposta neste trabalho, conceituando e identificando os sujeitos contadores dessas histórias e construtores dessa cidade-memória. O capítulo 4 confrontará as imagens construídas com e pela narrativa dos sujeitos

participantes deste trabalho com a representação da espacialidade observada do lugar representado. Na conclusão, apresentaremos as reflexões resultantes desse processo.

### 3. Capítulo 1:

Representações da cidade pela Arquitetura e Urbanismo



Vilanova Artigas, em aula inaugural da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo no ano de 1967, advoga a centralidade do desenho como a forma de expressão dos arquitetos (que em nosso contexto histórico também são urbanistas) e em seu papel na mudança social. O fundador da escola paulista de arquitetura discorre sobre a palavra a partir do termo que ele vê como origem da expressão na atualidade: *designo* (ARTIGAS, 2012). Afirma que a palavra surgiu no período do Renascimento, na Itália, momento este que marca o início da separação social do trabalho no fazer arquitetônico, até então existia o canteiro de obras com toda a sua complexidade, a partir da concepção da cúpula da igreja Santa Maria del Fiorie por Brunelleschi o projeto de arquitetura se afasta do canteiro de obras, passando a existir quem concebe e quem executa as obras arquitetônicas.

“O desenho como palavra [...] traz consigo um conteúdo semântico extraordinário. Esse conteúdo equipara-se a um espelho, donde reflete todo o lidar da técnica com a arte no correr da história. É o método da ligüística; do “neo-humanismo filológico e plástico, que simplesmente se inicia, mas que pode vir a ser uma das formas novas de reflexão moderna sobre as atividades superiores da sociedade”. O conteúdo semântico da palavra *desenho* desvenda o que ela contém de trabalho humano acrisolado durante o nosso longo fazer histórico”. (ARTIGAS,1968, p.109)

Imerso na crença de uma modernidade utópica, Artigas via o desenho, o *desígnio*, o projeto, como algo capaz de mudar as condições de vida da sociedade. Não cabe neste trabalho uma crítica ao pensamento de Artigas, algo que já foi feito inclusive por seu discípulo Sérgio Ferro

em O Canteiro e o Desenho (1979). Mas, ficamos aqui com a necessidade de resgatar e reinterpretar algumas de suas considerações:

“[...] Para desenhar é preciso ter talento, ter imaginação, ter vocação. Nada mais falso. Desenho é linguagem também e enquanto linguagem é acessível a todos. Ademais, em cada homem há o germe, quando nada, do criador que todos os homens juntos constituem. E como já tive a oportunidade de sugerir antes, a arte e com ela uma de suas linguagens - o desenho -, é também uma forma de conhecimento”. (ARTIGAS, 2012, p.114).

Quando desvinculado da função artística/contemplativa/técnica e entendido como forma de expressão e linguagem, qualquer um pode desenhar, mas sem essa ruptura o desenho continua sendo tido como uma vocação de poucos. Se todo “homem” (sujeito) tem o germe criador, e parafraseando Frida Kahlo quando a mesma diz que “só se representa bem aquilo que se conhece” é, no mínimo, incongruente excluí-los das decisões de Arquitetura e Urbanismo. Todo desenho é uma forma de conhecimento, então desenhar com o sujeito comum se constitui em uma prática importante para conhecer a realidade e propor alternativas.

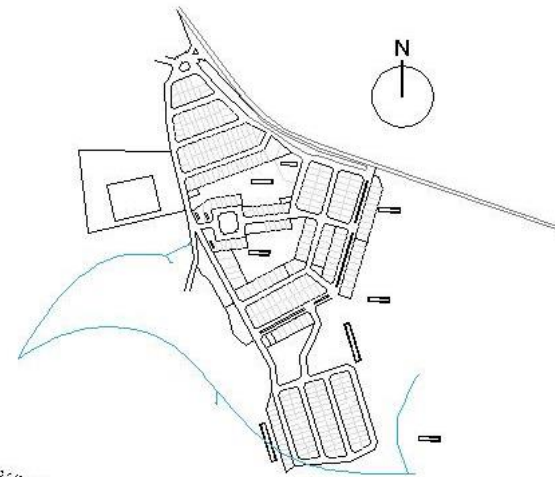
### **3.1. Representações técnicas da cidade**



02

MASTER PLAN

ESCALA: 1/2000



01

PLANTA DE SITUAÇÃO

ESCALA: 1/5000

### LEGENDA

- Área destinada à edificações de uso misto, até 2 pavimentos
- Área destinada à edificações de uso comercial, até 2 pavimentos
- Áreas verdes livres
- Círculo (conexão praça do estor João Francisco e praça do estor Bacalhau)
- Bivaleto/jardim de chuva
- Faixa de proteção
- Rota de ônibus - (Município/UFMG)
- Parada de ônibus
- Praça de recepção à APP
- Área para realocação de desapropriações
- Área reservada para planejamento de APP

Fig. 04: Representação técnica de proposta projetual para o bairro Tempo Novo, na Cidade de Goiás, para disciplina de Projeto Urbano e Paisagístico 3 – sem escala nessa apresentação. (Produção própria, 2021)

Cidades são coletivas, são aglomerados individuais que interagem entre si. São indivíduos que se deslocam, se enxergam e se cumprimentam e o modo como realizam essas ações define qual o tipo de cidade. Se cidades são coletivas devem ser pensadas para muitos e para entender quem são e o que esperam esses muitos é necessário que se dialogue com eles, na tentativa de codificar esse diálogo e transformá-lo em diretriz de planejamento. Um dos inúmeros papéis da arquitetura e urbanismo é mediar e interpretar esse diálogo e para isso faz isso da sua linguagem base, o desenho.

“Cidades não são objetos idealizáveis abstratamente e nunca se comportam de acordo com as fantasias de quem as trata desta forma. São concretizações de modelos culturais, materializam momentos históricos e se desempenham como podem, tendo de comportar conflitos e conjugações que se armam e desarmam sem parar e em muitos níveis”. (SANTOS, 1985, p. 7).

As primeiras cidades eram riscadas no chão, os primeiros caminhos abertos no caminhar, as réguas e medidas eram as dimensões e proporções humanas. Com o caminhar da história da humanidade, seus avanços, retrocessos, acertos e não-acertos, desenvolvimento industrial e tecnológico, o pensar a cidade se transformou. O tamanho das representações diminuía à medida que as cidades cresciam. Não se pensa mais *“in loco”*, não se risca mais no chão, para alguns nem se pisa nele. Se desenham cidades, se determinam funções, se delimitam zonas, de acordo com condicionantes territoriais e geográficas ou de acordo com interesses de atores sociais portadores de capital financeiro suficiente para isso.

A máxima “entendeu ou precisa que desenhe” se torna cada vez mais inapropriada quando transformamos esse desenho em uma linguagem técnica pouco representativa de e para sujeitos comuns. Não se trata de educar a sociedade para a leitura e compreensão de representações técnicas, mas de sermos capazes de representar os níveis de formação e estruturação de uma cidade de modo que seja compreendido pelos sujeitos que compõem esses níveis. Para essa etapa desse trabalho não ambicionamos apresentar uma solução para universalização da compreensão da linguagem técnica da arquitetura e urbanismo, e talvez não consigamos também apresentar esse resultado na etapa seguinte e nem em um cenário de mestrado, talvez nem de doutorado ou pós-doutorado. A linguagem técnica talvez seja eternamente restrita. O que não acreditamos que deva continuar restrito são os sujeitos, vivências e ambiências que conformam as cidades.

Segundo Silva (2019), o desenho tem um papel propositivo e um papel instrumental, que diferenciam as permissões que o desenho pode ter. Silva separa o desenho que propõe análises e sínteses da realidade, do desenho comprometido com a representação da realidade, com todas as suas normas e códigos que tornam essa representação universal. O desenho como proposição Silva (2019, p.22) “adota a linguagem técnica sem ser técnico [...] Potencializa a possibilidade de transformação do lugar e simultaneamente coloca-se para ser debatido, analisado, criticado, aceito, alterado”.

### 3.2. O desenho como metodologia de representação das periferias

Quando lidamos com metodologias de representação na arquitetura e urbanismo é necessário entender que representação espacial e imagética precisa vir acompanhada de uma representação social. Parte da compreensão do espaço é feita através de análises sociais, de vivências, de urbanidade. Um espaço inabitado é um espaço sem memória e, conseqüentemente, sem história. Um espaço que não é vivido não é um lugar, é só uma escultura, uma obra de arte a qual não foi atribuída função, apenas estar ali.

Os sujeitos, com suas mais diversas estratégias de apropriação, constroem o tipo de lugar que determinado espaço se tornará, contrariando muitas vezes a intenção projetual de uma elite técnica que supostamente teria planejado e ilusoriamente determinado o funcionamento total daquele espaço. Santos fala desse movimento quando diz que,

” A maioria da população que não tem tido outra alternativa senão aceitar as imposições, acabou por criar mecanismos de defesa e superação. Reverte os significados dos espaços que lhe são impingidos. [...] Acumula-se desta forma um desconhecimento exponencial. Se o pensamento erudito sabia pouco sobre os usuários que pretendia atingir, passa a saber menos ainda sobre os efeitos ‘distorcidos’ de suas intervenções”. (SANTOS, 1985, p. 12).

Sendo assim, não basta planejar em linhas ortogonais perfeitas as artérias de uma cidade, o que circula por ela toma os caminhos que lhe forem mais apropriados e na inexistência desse caminho o mesmo fará surgir um equivalente. É necessário um exercício constante de ser parte

desse meio para tentar compreender a vida que poderá surgir a partir de um planejamento que por mais inclusivo que tenha sido é incapaz de abraçar todas as possibilidades, realidades e atores que utilizarão aquele espaço.

Quando tratamos de periferias, muitas vezes nos referimos a espaços que não possuem um planejamento prévio. Em algumas cidades, esse espaço compreende apenas um zoneamento dentro do território, sem nenhum cuidado ou atenção específicos. Os sujeitos que habitam esses espaços condicionam a urbanidade de acordo com suas necessidades, criam as estratégias de apropriação, os “mecanismos de defesa e superação” que algumas vezes se tornam subnúcleos dentro das cidades. Mecanismo esse que já tem se tornado objeto de estudo e diretriz projetual dentro do urbanismo.

Frida Kahlo disse certa vez que pintava a si mesma porque ela era o assunto que ela melhor conhecia. Não defendemos que se deva representar apenas aquilo que se conhece, mas é compreensível que “só se representa bem aquilo que se conhece”. E, quando aceitamos o desenho como ferramenta de representação da arquitetura e urbanismo é esperado que se conheça bem o que se planeja representar a fim de reduzir, ou até mesmo evitar, equívocos ou a reprodução de estereótipos, e considerar os problemas e as soluções que o próprio espaço apresenta priorizando, assim, as necessidades de um sujeito real que vive em um espaço real.

Durante o período letivo de 2018 aconteceu a segunda edição das ações de extensão do Laboratório de Projetos da UFG, Câmpus Cidade de Goiás. Por ocasião participei na condição de

estagiária. O laboratório era coordenado naquele ano pelos professores José Rodolfo Pacheco Thiesen e Lucas Felício Costa<sup>1</sup>. Naquela gestão, a proposta do projeto eram experiências com melhoria habitacional e experiências participativas no setor Tempo Novo na Cidade de Goiás – GO. O projeto se propunha a oferecer assessoria técnica em projetos de ampliação, reforma e/ou melhoria habitacional para um universo de 100 famílias com renda até 3 salários mínimos residentes no Bairro Tempo Novo na Cidade de Goiás-GO através do desenvolvimento de 5 projetos de melhoria habitacional e ampliação das residências que pudessem ser replicados conforme os grupos focais específicos do bairro. Essas propostas foram desenvolvidas por meio de um processo participativo de projeto que envolveu a mobilização das famílias, trabalho técnico social, assessoria jurídica e realização de oficinas participativas.

---

<sup>1</sup> Nota póstuma ao professor Lucas Felício, coordenador do Laboratório de Projetos da UFG Campus Cidade de Goiás no ano de 2018, quando realizei minhas atividades de estágio no referido laboratório: espero sempre o encontrar sob o pequizeiro, na porta da casa de minha avó no alto do “Chupa-osso”, quando me deparar com situações em que preciso enxergar e representar a cidade.



Fig.5,6 e 7: registros das oficinas participativas realizadas pelo LabProj no bairro Tempo Novo, Cidade de Goiás. (Acervo LabProj, 2018)

O desenho foi o principal suporte para a realização das oficinas, estruturou tanto o diálogo com os sujeitos adultos quanto com as crianças envolvidas nas ações participativas como apresentado nas figuras 5, 6 e 7. Obtivemos boas respostas de interação com a comunidade fazendo uso dos desenhos, até iniciarmos as apresentações em representação técnica, quando percebemos inibição e afastamento dos sujeitos diante dos questionamentos da equipe.

Desde o início do projeto sempre existiram muitas expectativas acerca do trabalho que seria desenvolvido pelo Laboratório de Projetos, principalmente pela parceria com o Projeto Tempo Novo: Arte, Cultura e Sociabilidade, que envolvia a participação de docentes e discentes do curso de Serviço Social. A proposta de retirar o graduando em arquitetura e urbanismo da sua redoma ilusória de glamour foi ousada, pois se comprometia com a formação de profissionais engajados em solucionar problemas sociais e urbanos e não somente a formar profissionais preocupados com o esmero estético que, em alguns casos, transforma a arquitetura em uma obra de arte des-funcional. O contato com a cidade real desenvolve um maior senso crítico e sensibilidade na lida com a comunidade que impulsiona o futuro arquiteto a se engajar e tentar compreender os processos que favorecem ou prejudicam a produção de uma cidade saudável e justa, levando a compreensão de que a profissão vai além de desenhos técnicos e escritas rebuscadas e envolve a escala humana em proporções impossíveis de serem ignoradas.

“O desenho como instrumento do arquiteto pode concretizar uma visão pessoal ou coletiva, dependendo da postura de quem risca. Arriscar a questionar por meio do risco: talvez seja o nosso desafio”. (SILVA, 2019, p. 40)

O desenho como instrumento trocou de mão na experiência do LabProj para se tornar uma ferramenta de afirmação da comunidade e depois retornar para as mãos do arquiteto como uma ferramenta questionadora e, dentro dos seus limites, propositiva.

Para que o desenho corresponda a máxima de linguagem universal ou atenda à irônica frase “entendeu ou precisa que desenhe” a intenção de quem risca precisa estar em concordância com a função de ser meio de expressão. Uma linguagem universal não deve se fixar sobre representações que são compreendidas por uma minoria de sujeitos.

“O “Desenho” é o protagonista. Toma-se a concepção de “Desenho” como linguagem, meio de expressão, forma de raciocínio, instrumento de reflexão que provoca questões não percebidas, que lança hipóteses não imaginadas. Desenho como provocação, como questionador de possibilidades já projetadas, mas ainda não construídas. Trata-se de conhecer, por meio do desenho, as distintas dimensões de planos e projetos, frutos do trabalho de arquitetos urbanistas e demais profissionais que interveem sobre o espaço (social e físico)”. (SILVA, 2019, p.11).

Outras metodologias que se valem de imagens e peças gráficas podem ser utilizadas para estreitar os contatos com as comunidades e facilitarem o diálogo, como a fotografia. Alguns pesquisadores como Carlos Nelson do Santos (1985) se valem de ambos os métodos para afinar a compreensão sobre o que está em análise e no livro “Quando a rua vira casa” ele explica:

“Fotos e desenhos facilitam a leitura, captam e traduzem com grande impacto as expressões sensíveis do urbano. Valem por mil palavras. Têm de ser vistos, no entanto, como esforços assemelhados de interpretação; revelam a reação de um observador especial em suas tentativas de envolvimento e interação com meios e acontecimentos frente aos quais é um ‘estranho’”. (SANTOS, 1985, p.16).

A peculiaridade de carregar a intenção de quem risca transforma o desenho em uma ferramenta de entendimento da realidade pela perspectiva de quem se propõe a realizá-lo. O desenho já nasce com a análise pronta, ele não guarda segredos, ele escancara e muitas vezes fala mais sobre quem risca do que sobre o que é riscado. Quando produzidos a partir de um registro fotográfico, o desenho é capaz de traduzir e destacar as principais informações contidas naquele registro. Por mais que tenha um tempo de execução mais lento que o do registro fotográfico, o desenho proporciona uma interpretação mais clara. O desenho se torna um instrumento do olhar, mesmo que se trate de um olhar fotográfico, e assume o papel de síntese.

“O desenho realça aspectos diluídos nas fotografias que confundem o pesquisador com sua ‘ilusão realista’ imediata. Encontros, ‘pontos’, centros de convívio, locais de jogos e de brincadeiras, situações que conformavam a vida de relações no bairro foram submetidos a observações e registros iconográficos detalhados. Os desenhos obtidos sobre as fotos ou sobre os seus mesmos temas permitem uma leitura sintética de um conjunto de eventos significativos.” (SANTOS, 1985, p.15).

Como tentativa de representar em um suporte estático a vivência e movimentação urbana dos espaços, alguns autores, pesquisadores e artistas se valem de convenções gráficas

muito populares em histórias em quadrinhos como os balões de diálogos acompanhando representações dos sujeitos em atos possivelmente reais, facilitando a compreensão das atividades daquele espaço. Trazemos, para análise, dois casos em que o artista se vale desses elementos para retratar cenários urbanos e suas ambiências.

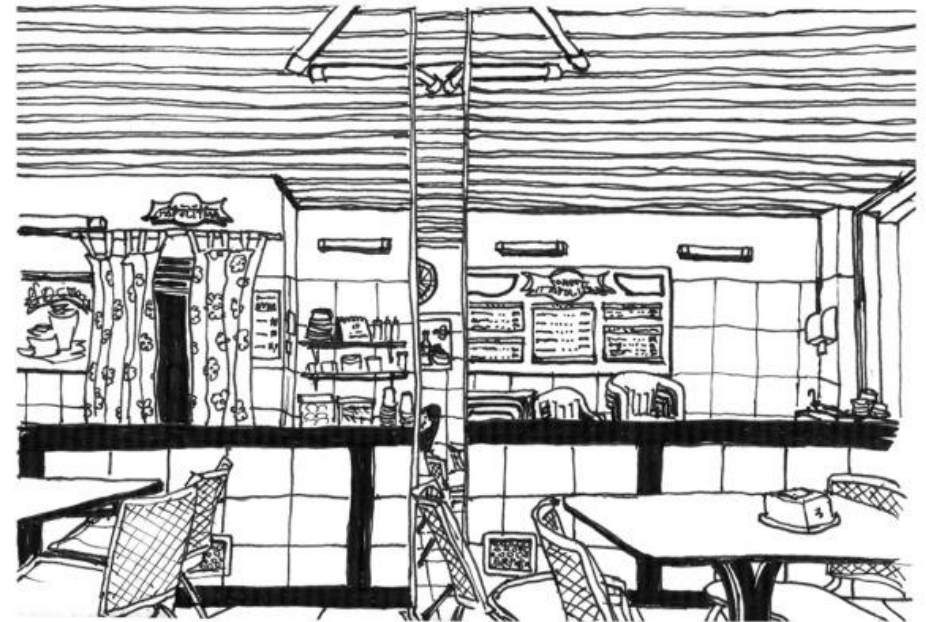


Fig. 8 e 9: registros do livreto “Strist Vistas”, Camila Mendonça Garcia, 2020-2021. Disponível em: <https://portfoliocamilagarcia.tumblr.com/>

### 3.2.1. Casos-referência de representação de periferias:

- **Strist Vistas**, Camila Mendonça Garcia (2020-2021)

O “Strist Vistas” é uma publicação independente com impressão e edição caseiras que Camila Garcia desenvolveu como tentativa de se desconectar do isolamento advindo da pandemia da Covid-19. Garcia é arquiteta-urbanista e atua como assistente de arte e produção. Os desenhos do “Strist Vistas” são construídos a partir de referência de imagens de satélite. Na abertura do livreto Garcia explica,

“Como alternativa ao isolamento, criei o hábito de derivar por ‘mapas e imagens das ruas no nível do solo’ – amenizando o jabá. Visitei lugares conhecidos, buscando aconchego no familiar, e também desconhecidos. Sobre novas paisagens pude criar um imaginário, vislumbrar materialidades, feições e pessoas (com a cara embaçada, mas beleza)”. (GARCIA, 2021, p. 01)

Por se tratarem de produções construídas a partir de registros de imagens via satélite, Garcia não poderia apreender os atos que envolviam os sujeitos vivendo aqueles espaços, mas quando traz para o desenho os próprios sujeitos consegue transferir para a cena o caráter e a personalidade do espaço. Junto com cada desenho, Garcia traz uma localização geográfica construída também a partir de imagem de satélite e uma descrição em narrativa do lugar representado.

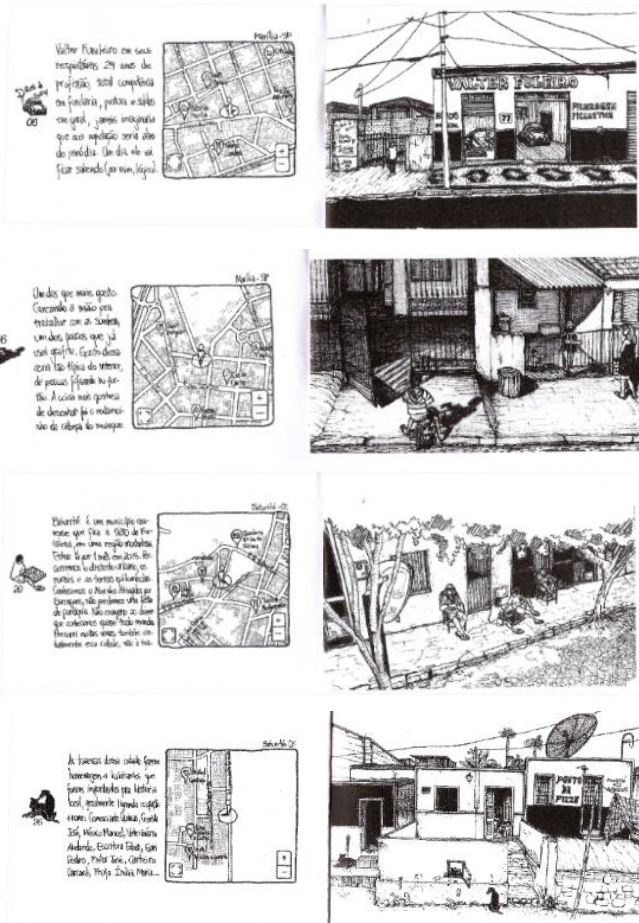
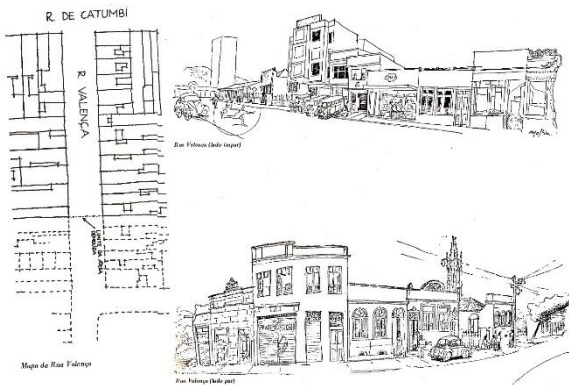
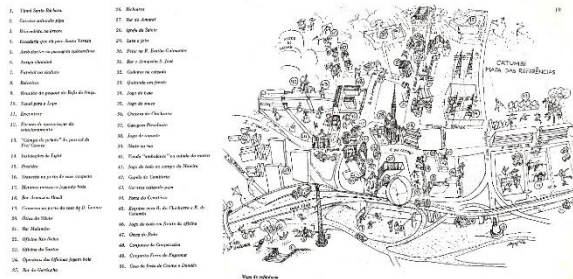


Fig.10, 11, 12 e 13: registros do livreto “Strist Vistas”, Camila Mendonça Garcia, 2020-2021. Disponível em:



- Quando a rua vira casa, Carlos Nelson Ferreira dos Santos, desenhos de Orlando Mollica (1985)

Em “Quando a rua vira casa”, o responsável pela criação dos desenhos, Orlando Mollica, era artista plástico e arquiteto-urbanista. O livro traz como proposta a análise da apropriação de espaços urbanos e se vale da fotografia e do desenho como metodologia de análise e exposição dos dados. Como esse já se trata de um trabalho que vivenciou as experiências de campo, os desenhos vem carregados de informações que só se obteria caminhando pelos espaços que foram representados, assim como proporcionado pela técnica da observação participante, também aplicada ao trabalho.

Inicialmente, foi definido um roteiro para levantamento fotográfico e as fotos chamara a atenção para determinados ambientes expressivos que voltaram a ser traduzidos sob a forma de desenhos. Segundo Santos:

“A técnica de combinação fotografia-desenho, usada de forma experimental, valeu muito para que apreendêssemos as dimensões internas da vida social no Catumbi. Ficamos conscientes de valores de ambiência que, pela natureza do meio utilizado para análise, se impunham de imediato.” (SANTOS, 1985, p. 15).

Esses valores de ambiência foram traduzidos em cenários apresentando atos do cotidiano, expresso em desenhos que mostram os sujeitos e suas relações, suas trocas, seu cotidiano.

Fig.14, 15 e 16: registros etnográficos do bairro Catumbi. Fonte: Quando a rua vira casa (1985).

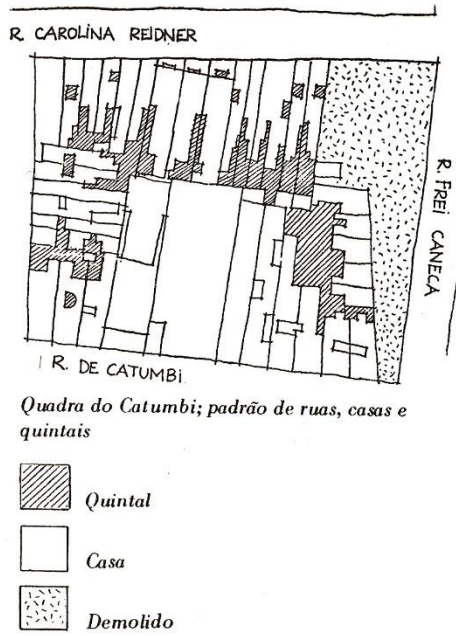


Fig.17: registros etnográficos do bairro Catumbi.  
 Fonte: Quando a rua vira casa (1985).



ILUST Nº 06 - CONJUNTO PRAÇA CLARIWENGO CARNEIRO | UBERLÂNDIA - SÉRIE DE ILUSTRAÇÕES DO LIVRO "ENTRE A RUA E O IMAGINÁRIO"



ILUST Nº 10 - A CIDADE À NOITE | UBERLÂNDIA - SÉRIE DE ILUSTRAÇÕES DO LIVRO "ENTRE A RUA E O IMAGINÁRIO"

Fig.18 e 19: registros do livreto “Entre a rua e o imaginário”, Elisa Azevedo Ribeiro, 2021. Disponível em: <https://onedrive.live.com/?authkey=%21A0JGB13lsjM5S1A&cid=709416F2EDCBD165&id=709416F2EDCBD165%2136635&parId=709416F2EDCBD165%2115601&o=OneUp>

- **Entre a rua e o imaginário**, Elisa Azevedo Ribeiro (2021)

“Entre a rua e o imaginário” é um guia afetivo, em formato de coletânea de ilustrações, sobre a cidade de Uberlândia/MG. A autora e ilustradora é natural de Uberlândia e se propõe nesse trabalho a apresentar a cidade através de percepções visuais entre o real e o imaginário da autora em um diálogo sutil; esse imaginário, construído e retratado através de memórias e ideias sobre a cidade. Segundo a autora:

“não há uma pretensão de ilustrar toda a cidade nem de limitar a poética da imaginação. É sabido que cada habitante tem sua própria percepção da cidade e, por isso, este livro é sobre um olhar, de uma habitante, que poderia mudar no momento seguinte.” (RIBEIRO, 2021).

No prefácio desse livro, a arquiteta-urbanista Giovanna Augusto Merli, discursa sobre a linha tênue entre relatar o real e ilustrar o imaginário entendendo que o relato sobre uma cidade muda conforme quem fala sobre essa cidade, porque esses relatos vêm carregados de memórias, vivências, sensações e desejos. Assim como já mencionou Tuan (1974) quando justifica a importância do fator humano nos lugares dizendo:

“numa visão mais ampla sabemos que as atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental; elas não podem ser excluídas da abordagem teórica porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado.” (TUAN, 1974, p.2).



ILUST N° 07 - PRAÇA RUI BARBOSA | UBERLÂNDIA - SÉRIE DE ILUSTRAÇÕES DO LIVRO "ENTRE A RUA E O IMAGINÁRIO"



Fig.20: registros do livreto "Entre a rua e o imaginário", Elisa Azevedo Ribeiro, 2021. Disponível em: <https://onedrive.live.com/?authkey=%21A0JGB13lsjM5S1A&cid=709416F2EDCBD165&id=709416F2EDCBD165%2136635&parId=709416F2EDCBD165%2115601&o=OneUp>

## 4. Capítulo 2: Narrativas sobre a cidade



#### 4.1. A Cidade de Goiás pela vivência de uma estudante de arquitetura

*Era uma vez um pedaço de terra, trilhado e pisoteado pelos Goyazes<sup>2</sup>, situado bem no canto de baixo da microrregião do Rio Vermelho, avistado pelo lado nordeste do mapa do Estado de Goiás, fig. 21. Foi nessas bandas de cá, esquina do Rio Bugre com o Rio Vermelho, onde o diabo velho<sup>3</sup> fincou sua bandeira e fez a terra sangrar atrás de ouro, de pedra e de sangue. Dizem que boa parte disso ele encontrou, mas se perdeu de tal modo que até hoje ninguém sabe onde a carcaça do diabo velho deitou, e se sabe, não assume.*

*Nesse pedaço de chão, nas margens do Rio Vermelho, onde se criou o Arraial de Santana que depois de todos os seus processos e toponímias chegou à Cidade de Goiás, as casas foram enfileiradas, ombro a ombro, formando uma muralha, encruzilhada com o rio. Rio esse que se tornou divisor e conector, ponte e muro, marcou o lado de lá e o lado de cá. De Arraial de Santana a Vila Boa de Goiás até Goiás Velho depois que a capital, embarcando em uma jardineira<sup>4</sup>, pegou sua corte e se foi deixando para trás uma cidade colonial bem tradicional, de pessoas arraigadas em costumes coloniais e bem tradicionais, que se valeu da tradição para esconder seus pecados, para disfarçar seus monstros, encobrir seus crimes. Até que um dia, o mundo inteiro a viu.*

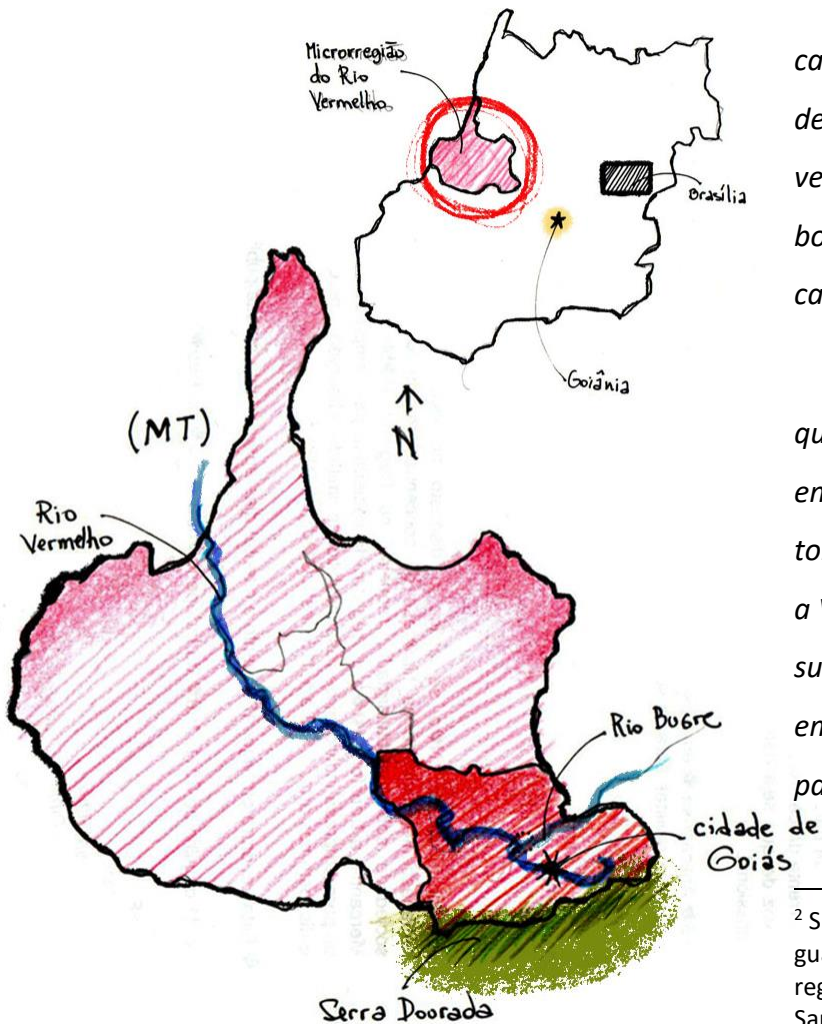


Fig.21: Croqui esquemático da situação do município de Goiás na microrregião do Rio Vermelho e deste no Estado de Goiás, 2022. Fonte: Produção própria.

<sup>2</sup> Suposta tribo ou nação aborígene do Centro-Oeste formada pelos indivíduos denominados goyazes, goiases, guayazes, guaias, guoya, goya ou goiá, com principal assentamento no Mato Grosso goiano, especificamente na região que foi escolhida por Bartolomeu Bueno da Silva, o filho, para a fundação do Arraial ou Povoado de Sant'Anna.

<sup>3</sup> Referência popular à Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera.

<sup>4</sup> Uma espécie de ônibus com a frente de um caminhão, veículos assim eram chamados de jardineiras.

*Olhou para ela e reconheceu seu patrimônio histórico e arquitetônico, sua arte, seu patrimônio material, seu conjunto arquitetônico luso-brasileiro fora de Portugal. Reconheceu Cora Coralina, Hugo de Carvalho Ramos, Goiandira do Couto, reconheceu os Caiados, os Curado e os Fleury. Reconheceu José Joaquim da Veiga Vale, que não era vilaboense mas se casou com a filha do governador. Acolheu Marcelo Solá. Com muito custo reconheceu Octo Marques. Reconheceu a Semana Santa, a Procissão do Fogaréu. Mas ainda não prestou o merecido reconhecimento a Leodegária de Jesus, Maria Grampinho, Rosa Gomes ou Maria Macaca, não reconheceu Dona Xica nem a Abadiinha.*

*O reconhecimento a marcou como uma cidade que não podia mais mudar, mas que na memória de minha avó vivia mudando. Uma cidade para a qual eu olho e vejo a sacudir suas beiradas, se estender, se contorcer, tentar alcançar não os extremos, mas o centro. Vejo uma cidade que cresce sendo empurrada para fora enquanto tenta se agarrar ao meio. E aqueles que estão longe desse movimento, nos distritos e assentamentos, olham para isso e não se reconhecem, “lá na cidade...” é como se referenciam, como se eles próprios não compusessem essa cidade.*

*Essa é a história que vi encobrirem, entre os contos da cidade que são contados a quem não é daqui, nos cinco anos em que pisei essas pedras, subi esses morros, bebi dessa água e chorei nesse chão. A vi correr sorrateira entre os moleques nas ruas estreitas do setor aeroporto, se perder nas ladeiras do setor rio vermelho, se confundir e se misturar na multidão e no barulho do setor*

*João Francisco*<sup>5</sup>. Mas, assim como Cora e Goiandira, cada cidadão vilaboense, de título ou não, tem uma história para contar. A de minha avó era aquela com o pé de pequi na porta de casa, no alto do “Chupa-Osso”<sup>6</sup>. História que ajudou a construir os alicerces da cidade e que constrói ainda hoje, como um organismo vivo que segue se desenvolvendo para além do centro histórico, patrimônio da humanidade.

#### **4.2. A Cidade de Goiás apresentada nos livros**

O território do Estado de Goiás teve seu marco inicial de ocupação no século XVIII, onde hoje se demarca a área territorial do município da Cidade de Goiás. O processo de ocupação desse solo se iniciou com a busca pelo interior do continente que, desde a invasão pelos portugueses e início do processo de colonização, tinha na mineração aurífera sua maior ambição. Falamos disso para visualizarmos os cenários que influenciaram a implantação e o desenvolver da Cidade de Goiás.

Essa característica de núcleo minerador determinou a maior característica da cidade: o desenvolvimento em torno de um corpo hídrico, o Rio Vermelho, e teve seus primeiros terrenos ocupados como datas mineradoras, ou lotes, e acampamentos provisórios. As doenças surgidas a

---

<sup>5</sup> Aeroporto, Rio Vermelho e João Francisco são bairros pertencentes ao tecido urbano da Cidade de Goiás, mas que não se situam dentro do perímetro de tombamento.

<sup>6</sup> Chupa-Osso é a toponímia atribuída ao bairro Alto Santana, na Cidade de Goiás, atualmente reconhecido como território quilombola.

partir das condições insalubres desse movimento acarretaram no deslocamento das edificações residenciais dentro dessas datas. Segundo Gustavo Neiva Coelho,

“sendo o trabalho da mineração em Goiás desenvolvido de forma bastante rudimentar, a transformação das beiras dos rios em verdadeiros lamaçais era algo praticamente inevitável. Assim, com o intuito de fugir da quantidade de insetos nocivos que aí passavam a se desenvolver, esses primeiros ranchos eram construídos a uma certa distância da água [...] foi dessa forma que surgiram as primeiras ruas conformadoras do núcleo urbano, tendo em um primeiro momento, a função de favorecer o acesso individual às datas”. (COELHO, 2001, p.172-173).

Esse é considerado o surgimento e o estabelecimento inicial da Cidade de Goiás, àquela data chamada Arraial de Sant’Anna, conceituado por Coelho, que citou Paulo Bertran, como um fator de incidentalidade<sup>7</sup>, (2001, p. 171) que “está geralmente relacionado aos primeiros momentos da existência dos arraiais portugueses implantados em território americano”.

Em um segundo momento, o desenvolvimento acontece com base em um fator, conceituado por Coelho (2001, p.171) como fator de intencionalidade, “que se apresenta como força alteradora da organização inicial do traçado urbano e mesmo de sua ocupação inicial”. Esse fator veio com a construção da Capela dedicada à Sant’Anna, em um ponto elevado na região esquerda do rio. E, partindo dela iniciaram as construções de caráter permanente a sua volta. No mesmo período, na margem direita do rio, também em um ponto elevado, foi construída a Igreja

---

<sup>7</sup> Os conceitos de incidentalidade e intencionalidade são aqui trabalhados por comporem o referencial teórico utilizado, não significando que estejamos de acordo ou que não tenhamos análises críticas sobre os mesmos. Porém, acreditamos que essa seja uma discussão para outro momento.

de Nossa Senhora do Rosário, marcando um início oficial para a segregação social e racial que estruturou a história urbanística da cidade. Coelho conta:

“Durante esse período, a região escolhida anteriormente para a implantação da capela dedicada a Sant’Anna, reedificada em Matriz, começa a ser ocupada pela construção de residências com caráter mais permanente que aquelas encontradas em período anterior. Do outro lado do rio, também em local mais alto que aquele ocupado pela mineração, vai ser construída, ainda nesse período, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, da irmandade dos pretos, inaugurando-se, aí, da mesma forma como havia acontecido em Minas Gerais, a segregação social e racial, com a utilização da primeira dessas edificações pelos brancos e senhores, que já se estabeleciam em seu entorno, e a segunda pelos negros e pardos, que compunham a grande maioria dos habitantes da rua da Cambaúba, atual Bartolomeu Bueno. Aqui é bom observar que essas duas construções religiosas [...] de certa forma concentram ou centralizam a ocupação do espaço urbano.” (COELHO, 2001, p.173).

A partir daqui, mesmo com a incidentalidade ainda presente em muitos momentos, a intencionalidade surge com o intuito de organizar, direcionar e retificar o desenho urbano. Vem, em auxílio a esse momento as primeiras Cartas Régias e Ordenações do Reino, com diretrizes de ordenamento da cidade nos moldes da tradição e cultura de construir da dominação portuguesa. A última etapa de desenvolvimento urbano de Vila Boa acontece com o declínio da atividade aurífera e mudança de atividade econômica, de mineração para o comércio.

Nesse período é desenvolvido o primeiro grande projeto de reestruturação da cidade com o objetivo de impedir o refluxo populacional da Capital, sob o comando do governador Luiz

da Cunha Menezes, que tinha claro interesse e entusiasmo pela perspectiva ordenada. O resultado dessa gestão foi a elaboração da primeira planta de Vila Boa, fig. 22, com uma proposta de crescimento ordenado, indicando áreas a serem ocupadas futuramente.

Fig.22: Planta de Vila Boa, capital da capitania geral de Goiás, elaborada por Manuel Ribeiro Guimarães, por ordem do governador Luís da Cunha Menezes, 1778 - 1783. Disponível em <https://www.arpdf.df.gov.br/planta-de-vila-boa-capital/>



Em 1818, a vila é elevada a condição de cidade, com denominação de Cidade de Goyaz, por carta de Lei de 17-09-1818. Sob diversas leis municipais e estaduais, o território sofreu modificações com eventos de criação e desmembramento de distritos. Até que, em 1937, pelo Decreto Estadual nº 1816, é transferida a capital do Estado para Goiânia. A data de 2003 indica como constituição municipal os distritos de Goiás, Buenolândia, Calcilândia, Davidópolis, São João e Uvá. Assim permanecendo até 2018, data levantada pelo site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

A transferência da capital goiana para Goiânia deixa a antiga capital com um sentimento de orfandade, construída sob um cenário de alto contraste. O antigo *versus* o novo, o arcaico *versus* o moderno planejado. Segundo o professor da Faculdade de história da UFG, Nasr Fayad Chaul:

“Goiânia nasceu para ser capital, nasceu sem infância histórica, sem adolescência interior, madura demais para tão pouco tempo de criação. Resultado de ideias antigas, percorridas pelas vozes do século XVIII e XIX, Goiânia foi surgindo no compasso dos anos 30, na necessidade de projeção política de Pedro Ludovico Teixeira”. (CHAUL, 2009, p. 100).

Esse trecho muito revela sobre o cenário e o contraste entre as duas cidades que, por diversas vezes, marcou a antiga capital como sinônimo de atraso, já que a “Marcha para Oeste” era o maior símbolo do avanço capitalista. Chaul (2009, p.103) diz que a mudança da capital

representava não somente o progresso e a ascensão ao poder, mas também “uma forma de atacar os Caiado [o centro de poder da Primeira República no Estado]”.

Para entendermos os processos que envolvem uma mudança de Capital, utilizamos como base de análise o livro *Quando mudam as capitais*, de José Osvaldo de Meira Penna (1917). Mesmo sendo essa uma referência que trata de mudança de Capitais federais, algumas questões elucidam o cenário vivenciado pela Cidade de Goiás, em 23 de março de 1937 pelo decreto Estadual nº 1816. Segundo Penna (1917, p. 20), “a capital é um símbolo tanto quanto um instrumento político”. Um símbolo urbanístico (1917, p.40) “da concepção do mundo reinante na época de sua fundação”. O que já foi mencionado anteriormente na citação de Chaul sobre a disputa com os Caiado.

Apesar de não ser o foco principal desta pesquisa, consideramos importante tratar desse episódio da história da cidade, por se tratar de um momento em que o destino da antiga capital foi completamente transformado pois, segundo Penna:

“A mudança da Capital, quer se efetue de uma cidade para outra, quer de uma velha metrópole para novo sitio especialmente escolhido e artificialmente aparelhado, constitui, portanto, uma obra de considerável alcance e um acontecimento momentoso que marca permanentemente o destino de um povo”. (PENNA, 1917, p. 20).

De Capital natural<sup>8</sup> à Capital artificial<sup>9</sup>, conforme os conceitos de Vallaux e Brunhes trabalhados por Penna, e todo o simbolismo impresso nisso como sendo a Capital natural aquela que nasce sobre o terreno e vai conquistando com o decorrer do seu desenvolvimento o título de capital e a Capital artificial como aquela que nasce sobre o mapa e em seguida passa para o terreno à golpes de intenções e força de vontade . Logo, os impactos desse fato não afetaram somente a cidade, aglomeração física, mas também todo o microcosmo dos sujeitos que viviam ali, seu modo de enxergar o mundo e de ser enxergado por ele.

Os estudos sobre o desenvolvimento da Cidade de Goiás se apresentam com frequência até este ponto. A partir daqui, pouco se tem registrado sobre o crescimento da cidade, além dos dados numéricos do IBGE e alguns artigos acadêmicos, até data do tombo do conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico do centro histórico pelo Iphan em 1978 e o reconhecimento como Patrimônio Mundial pela Unesco em 2001.

---

<sup>8</sup> Segundo Penna (1917, p.22) a Capital natural surge espontaneamente, “quando o órgão central do Estado se estabelece desde a sua origem numa cidade já existente, onde a formação urbana foi espontaneamente determinada pela ação de fatores naturais [...] e pelo afluxo de população e da vida econômica que é consequência daquela ação”.

<sup>9</sup> Segundo Penna (1917, p.22) a Capital artificial “está ligada aos objetivos precisos de seu Fundador, objetivos raramente de caráter econômico ou comercial, mais frequentemente de natureza social, cultural ou religiosa, e quase sempre ou sempre de cunho político”.

### **4.3. A Cidade de Goiás nas representações artísticas**

Por se tratar da antiga capital do Estado e de um conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico reconhecido como patrimônio mundial, a Cidade de Goiás, ou ao menos seu perímetro delimitado como centro histórico, possui diversas peças gráficas que ilustram suas visadas. Seu conjunto urbano, patrimônio da humanidade, foi apresentado e representado por diversos artistas no decorrer dos anos. Entre eles estão os que interpretaram e reinterpretaram a cidade desde os prospectos feitos em 1751, atravessando as pinturas de Goiandira Ayres do Couto e Octo Marques; as ilustrações de Tom Maia; a literatura de Cora Coralina, Hugo de Carvalho Ramos e Leodegária de Jesus; a escultura de José Joaquim da Veiga Vale, entre outros de renome, ou não, mas que, por necessidade de recorte, não serão mencionados neste trabalho.

Outros representantes das artes na atualidade ainda trazem algumas leituras sobre esse mesmo perímetro como Marcelo Solá, Elder Rocha Lima, Auriovane Cardoso D'Ávila Junior e a própria autora deste trabalho através de incentivo federal disponibilizado pela Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc. Não entraremos em fichas técnicas e recortes biográficos sobre as obras e artistas apresentados, apenas uma análise do que é representado em seus trabalhos a fim de levantar apontamentos sobre os cenários da Cidade de Goiás que são valorizados nas representações artísticas que se propõem a apresentar e interpretar a cidade.

Fig.23: Prospecto de Vila Boa, Acervo da Casa Insua - 1751. Disponível em <https://www.dm.com.br/wp-content/uploads/2018/09/6-11.jpg>





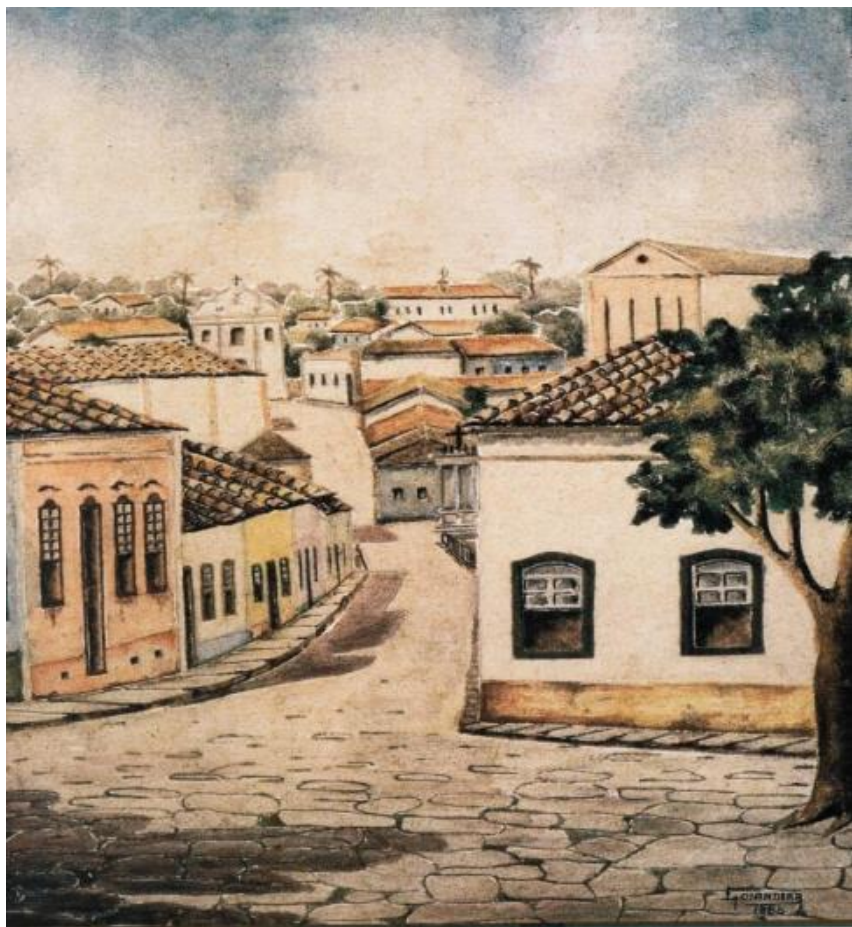


Fig.24: Largo do Rosário, Goiandira do Couto, Areia sobre fibra de madeira – 1968. Fonte: Wolney Unes, disponível pela Revista Escritas, v.10, n.1.



Fig.25: Largo do Rosário, Goiandira do Couto, Areia sobre fibra de madeira – 1976. Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, disponível pela Revista Escritas, v.10, n.1.

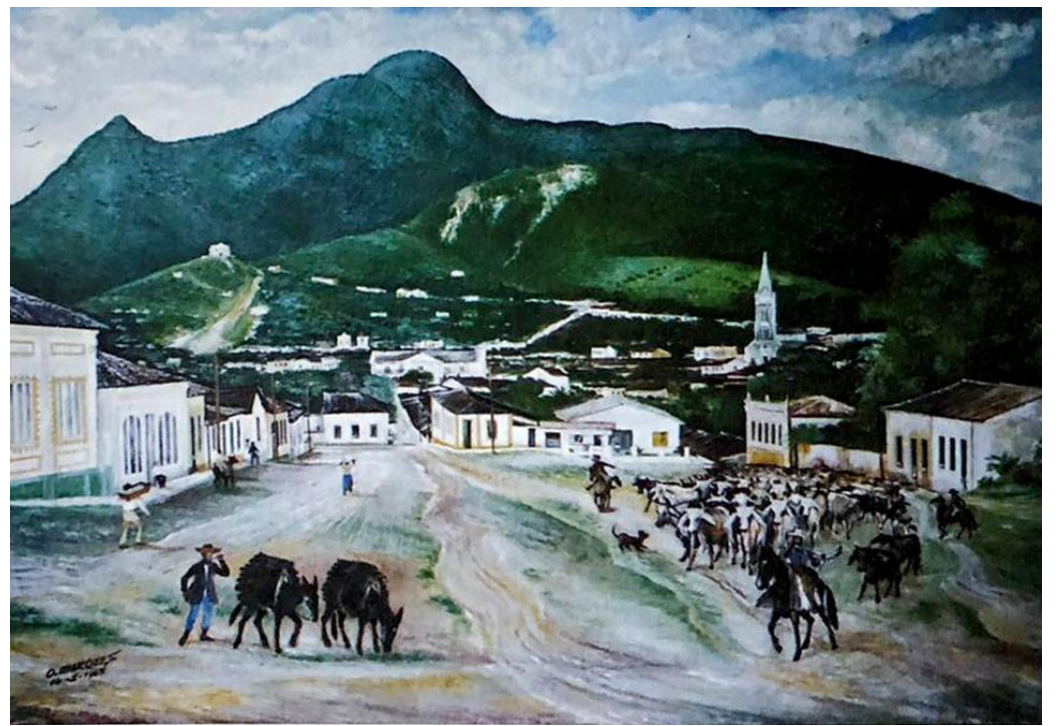
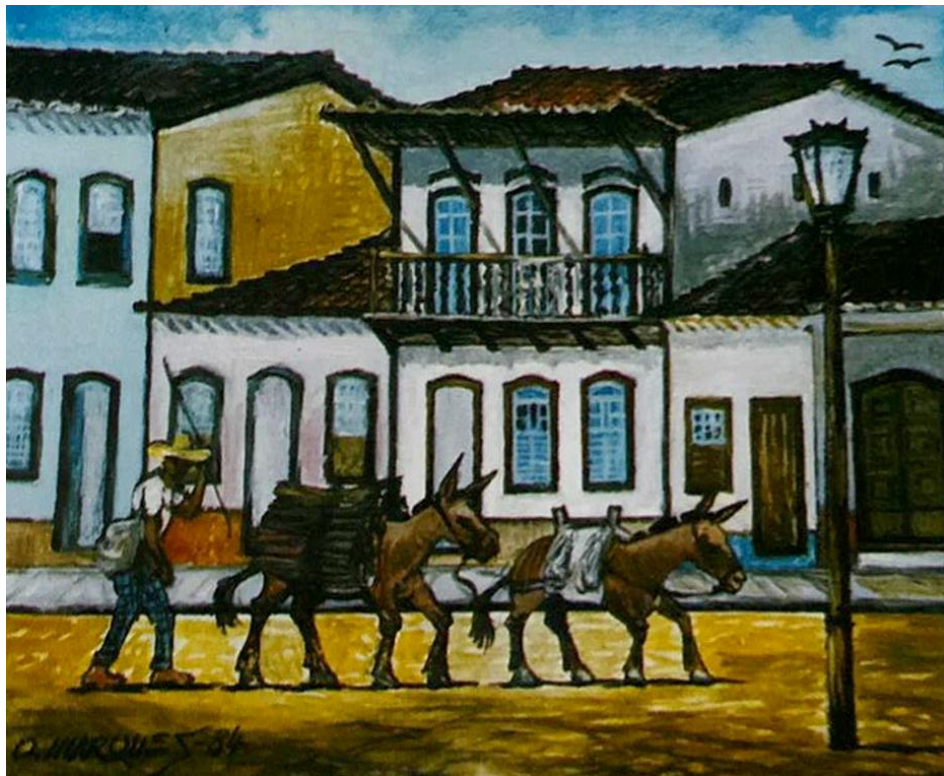


Fig.26: Vendedor de lenha, Octo Marques – 1984. Fonte: Elder Rocha Lima, 2009.

Fig.28: Largo do Rosário, Octo Marques – 1964. Fonte: Elder Rocha Lima, 2009.

Fig.27: Rua Direita, Octo Marques – 1975. Fonte: Elder Rocha Lima, 2009.

Fig.29: Boiada no Largo do Moreia, Octo Marques – 1965. Fonte: Elder Rocha Lima, 2009.



Fig.30: Telhados, Tom Maia – 1979. Fonte: Tom Maia, 1979.



Rua do Horto - Goiás

Fig.31: Rua do Horto, Tom Maia - 1979. Fonte: Tom Maia, 1979.



Rua da Cambaúba - Goiás

Fig.32: Rua da Cambaúba, Tom Maia - 1979. Fonte: Tom Maia, 1979.



Fig.33: "1999", Marcelo Solá -2018. Fonte: Orlando Lemos Galeria de Arte, 2022.

Fig.34: Carro de boi, Auriovane Jr. - 2012. Fonte: Jornal Diário da manhã, 2020.



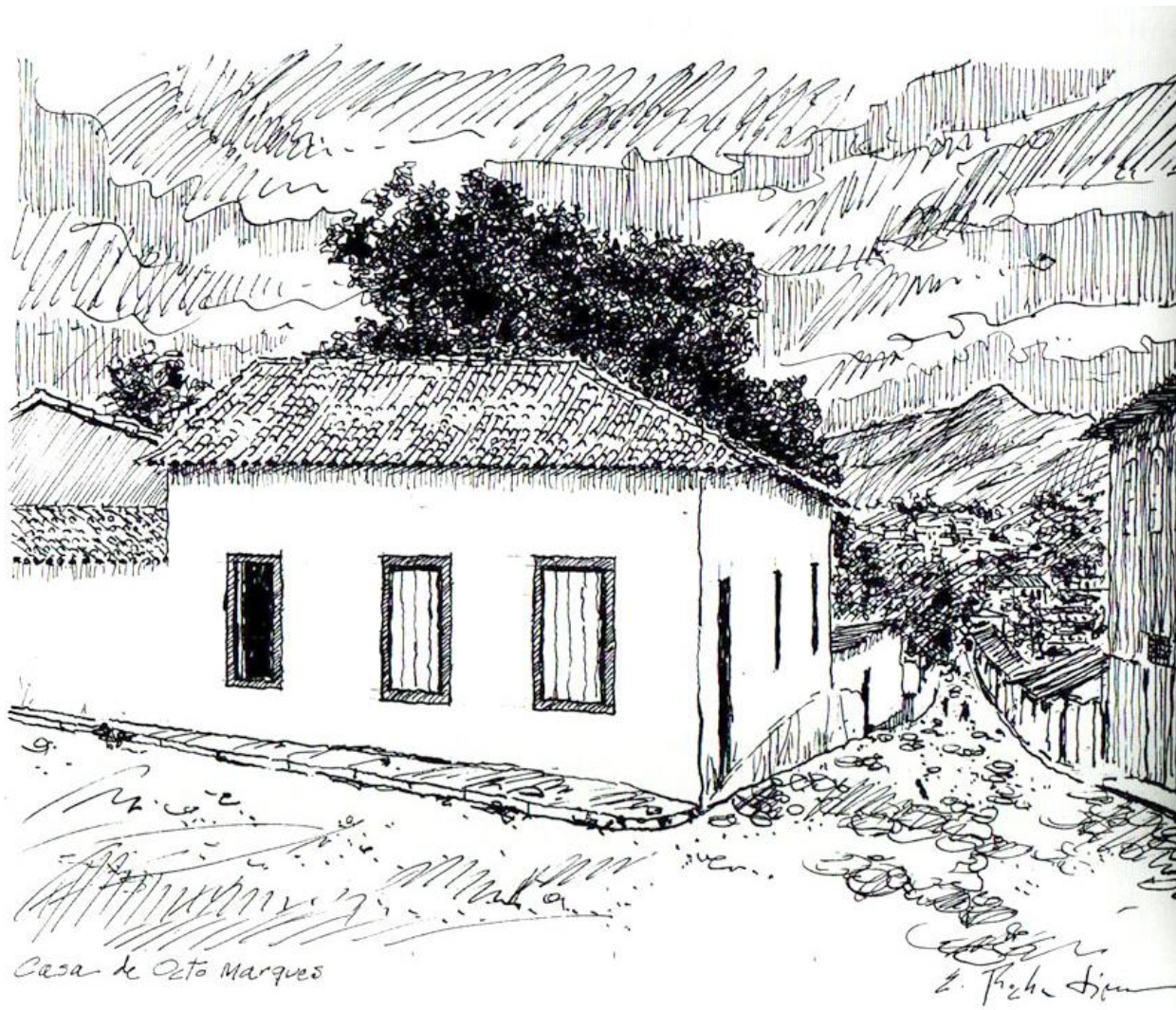


Fig.35: Casa de Ocho Marques.  
Fonte: Elder Rocha Lima – 2008.

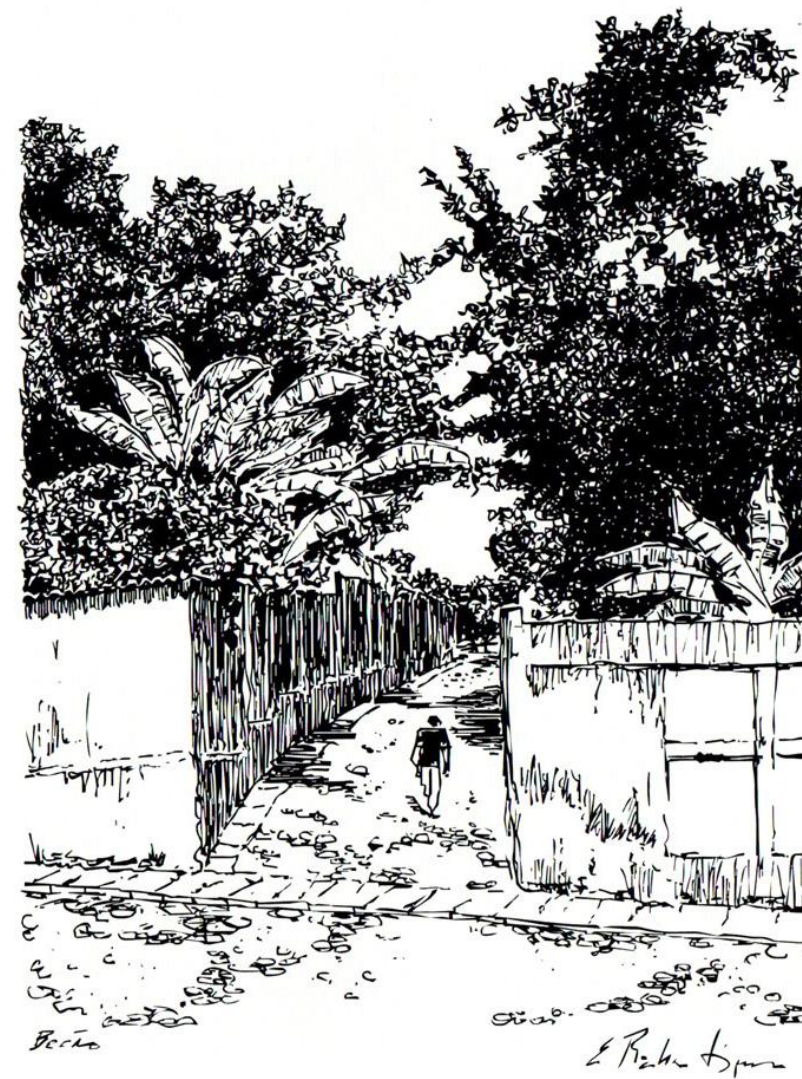


Fig.36: Beco. Fonte: Elder  
Rocha Lima – 2008.



R. DO CARMO N12



R. JOAQUIM RODRIGUES N17

Fig.37, 38: fachadas da coleção "Tête-à-tête: Goiás". Fonte: Acervo próprio, 2017 / 2020.

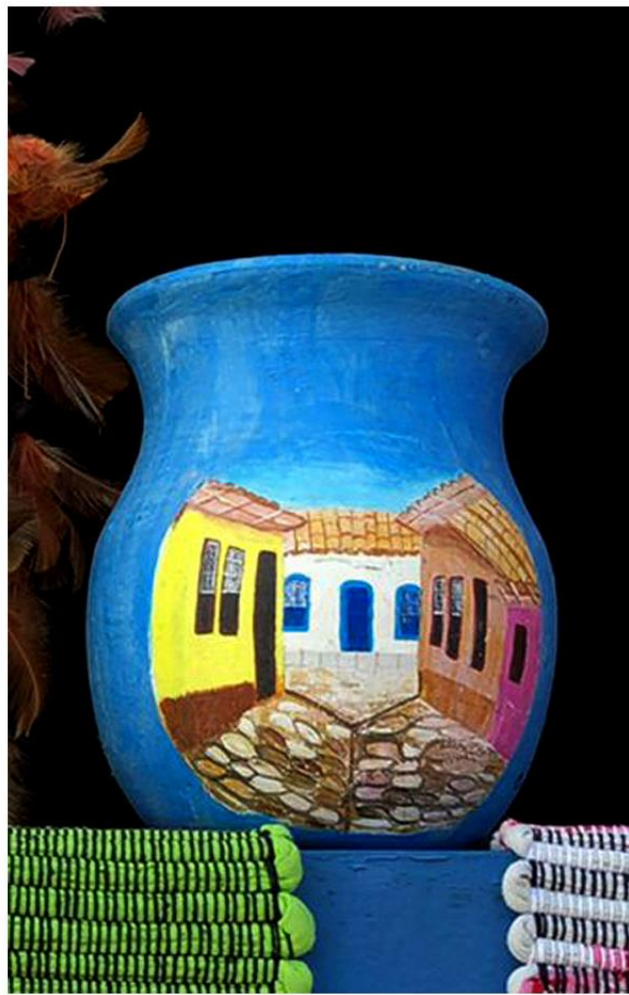


Fig.39, 40, 41: Representações da cidade feitas em artesanato comercial. Fonte: Acervo próprio, 2022.

Observando os trabalhos tragos para esta análise, seja em qual técnica a leitura se apresente, a cidade representada é aquela que, desde os primeiros desenhos feitos é apresentada da mesma forma, se ignorando os riscos da história única, da representação única, enfim, do único em meio a uma imensidão de pluralidades. A primeira planta urbana da cidade, os primeiros registros dos viajantes que cruzaram esse território, os artistas vindos das famílias tracionais pertencentes às altas elites vilaboenses ou os mais populares artesãos, contemporâneos ou não, parecem representar os mesmos cenários, a mesma atmosfera imaginária e bucólica de um cotidiano rural de cidade pequena. Mesmo os trabalhos mais recentes trazem nas representações a presença de veículos movidos à tração animal, elemento ainda presente no meio urbano, mas em quantidade tão reduzida que sua presença é uma eventualidade, fig.34.

Esse material que extrapola os limites do município e atinge outros lugares e outros sujeitos carrega a identidade da cidade e de seus habitantes. Ignorar os microcosmos e subnúcleos existentes para além do centro histórico da Cidade de Goiás favorece a construção de uma visão estereotipada da cidade e de seus sujeitos, criando, como já mencionado por Holzer (2000, p120), os arquétipos paisagísticos. Mesmo os trabalhos mais atuais como os desenvolvidos por Marcelo Solá, expostos no FICA 2018, fig. 33, e a coleção montada por essa mesma autora, fig.37 e 38, reforçam esse arquétipo, a reafirmação constante do que é valoroso na paisagem urbana considerando apenas o perímetro do tombamento.

Observamos peças desenvolvidas em 2012 buscando reforçar cenários e rotinas de peças desenvolvidas nas décadas de 1970 e 1980, trabalhos com técnicas não-convencionais potentes

mas que ignoram a dimensão de seu alcance e não possuem preocupação em representar as dinâmicas urbanas que enriquecem e reforçam a identidade de uma cidade, fig. 24 e 25, guias afetivos que não consideram os territórios e sujeitos marginalizados e periféricos da cidade, peças comercializadas no centro histórico presas na redundância de reproduzir cenários do próprio centro histórico para serem vendidas à turistas que são incentivados a circularem e conhecerem apenas o centro histórico, fig. 39, 40 e 41.

Das representações artísticas analisadas neste trabalho, guardamos as lições observadas na produção de Octo Marques, fig. 26, 27, 28 e 29, no entendimento de cidades como lugares de movimento, de fluxos, de encontros entre pessoas, que acompanham a passagem do tempo. A poeira dos passos, a pegada no chão dos *trieiros*, atalhos e caminhos nos conta a história das gentes, nos mostra a cara das cidades. Octo representou aquilo que seus olhos viram dos lugares em que seus passos o levaram. Que, ao circularmos pelas beiradas das cidades contemporâneas, em qual escala for, enquanto profissionais que observam, estudam e projetam cidades, possamos enxergar, entender e auxiliar a incluir como valorosas, as dinâmicas que não estão nos holofotes dos órgãos públicos, instituições de ensino e mídias, mas que auxiliam na construção das raízes daquele povo.

## 5. Capítulo 3:

A cidade de quem vive pela cidade



### 5.1. Quem são esses sujeitos

Por diversas vezes, no texto deste trabalho, citamos a gente com a qual construímos nossa teoria a partir da metodologia aplicada como *sujeitos comuns*. A proposta deste trabalho é se desenvolver de forma empática e colaborativa, em contato direto e constante com os agentes que auxiliarão na edificação de uma tese que represente a cidade que eles habitam através das narrativas contadas pelos seus cotidianos e espaços de vivências. Diante disso, entendemos a importância de definirmos e conceituarmos esses agentes da mesma forma e buscamos na vertente humanista e cultural da geografia, na história e na sociologia, autores e teorias capazes de agregar referências à essa etapa do trabalho.

Certeau (1998, p. 57) dedica o ensaio do trabalho *A invenção do cotidiano* ao que ele nomeia de “homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante enumerável”. Em breve consulta ao dicionário Priberam da Língua Portuguesa, encontramos como definição de ordinário, enquanto adjetivo e substantivo masculino, como “que ou quem mostra indelicadeza ou falta de educação”, e enquanto substantivo masculino, “aquilo que é de todos os dias, que é frequente”. Não reconhecemos essas definições como aceitáveis em sua totalidade para definir os agentes com os quais pleiteamos trabalhar. Porém, o mesmo dicionário traz o termo “comum” como um dos possíveis sinônimos ao termo “ordinário” e o define, enquanto adjetivo de dois gêneros, como “[gramática] Diz-se de substantivo que designa um elemento de uma classe ou categoria, não designando um indivíduo ou uma entidade única e específica, por oposição a próprio.” O que nos pareceu mais gentil e assertivo quanto a natureza deste trabalho.

Apesar de não estarmos aqui tratando esses agentes como “heróis comuns”, por entendermos a conceituação de herói como alguém capacitado a grandes atos que transformam toda uma localidade ou realidade e, portanto, portador de uma grande expectativa social sobre si, além de carregar uma definição de gênero em sua estrutura gramatical, aceitamos a contextualização de Certeau quando ele diz:

“Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público”. (CERTEAU, 1998, p. 57).

Portanto, reconhecemos esses agentes e os nomeamos como *sujeitos comuns*, referentes àqueles que, em geral não são mencionados em documentos ‘oficiais’, que muitas vezes não se fazem presente em ambientes que definem quem é quem e que possuem seu próprio saber-fazer, que a muito interessa àqueles que apenas criam teorias e hipóteses. Buscamos esses sujeitos entre “a multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém”, citada por Certeau (1998, p. 57).

Certeau (1998, p.63) cita o conto filosófico *Mal-estar na civilização*, de Freud, para falar sobre o homem ordinário, onde o mesmo é o locutor. “Ele é no discurso o ponto de junção entre

o sábio e o comum – o retorno do outro (todo o mundo e ninguém) no lugar dele se havia cuidadosamente distinguido”. Questionamos essa classificação que coloca o sábio e o comum em extremos opostos, sendo o sábio o detentor da especialidade e o comum como o possuidor da banalidade. No mesmo trecho Certeau (1998, p. 63) continua sua explicação definindo o homem ordinário como a “recondução do saber a seu pressuposto geral: não sei de nada sério. Sou como todo mundo”. Novamente, a negação do saber popular em detrimento do saber técnico.

Recusamos essa métrica por entendermos que todo o saber técnico se estrutura, em sua base, no saber popular e após a validação ou negação desse saber, o aceita e reconhece como conhecimento técnico. Nosso interesse com esse trabalho se encontra nessa base, mas não apenas em seu saber e conhecer, mas também nos fatores que juntos compõem a estrutura, que para esses sujeitos, fundamentam seus conhecimentos. Fathy, em *Construindo com o povo*, nos alerta sobre o ato de anular as características individuais dos homens.

“A mente de cada homem é tão complexa que suas decisões são sempre únicas. A maneira como ele reage ao que o rodeia é absolutamente pessoal. Se, nos seus contatos com os homens, você os considera como uma massa e se abstrai e explora as características que eles têm em comum, você destrói as características individuais de cada um deles”. (1980, p.42).

Artigas (2012, p.114) já nos disse o mesmo em outra etapa deste trabalho quando diz que “em cada homem há o germe, quando nada, do criador que todos os homens juntos constituem”. Portanto, não retornaremos a essa discussão. Apenas reforçamos nossa justificativa acerca da

viabilidade e importância de se trabalhar com esses sujeitos comuns e suas tradições. Fathy (1980, p.36), nos diz ainda que “construir é uma atividade criativa” e que as características dessa construção, que ele exemplifica como um edifício, é determinada pela junção das decisões individuais tomadas por cada sujeito que participou, de algum modo, em qualquer uma das etapas dessa construção. Logo, pela junção das duas teorias, todo homem pode construir e todo homem deve ser considerado nas etapas de uma construção, abrangemos aqui não só a construção de um edifício, mas também de uma cidade.

Pensamos não apenas nesses sujeitos como elementos indispensáveis na definição de uma territorialidade, mas toda a experiência desses sujeitos com o espaço urbano em que estão inseridos. Assim como a geografia humanista propõe a inserção completa do homem no espaço, na paisagem, para a compreensão do lugar.

Inicialmente, a proposta era que os sujeitos fossem trabalhados individualmente, porém com o aumento dos casos confirmados de covid-19 na Cidade de Goiás durante o mês de janeiro de 2022, a metodologia precisou ser refeita. Sendo assim, optamos por trabalhar com coletivos para conseguirmos acessar um maior número de narrativas. Buscamos a diversificação desse sujeito escolhendo como coletivos o Centro de Ensino em Período Integral (CEPI) Professor Alcides Jubé, o coletivo Mulheres Coralinas e o coletivo Recicla Goiás, porém, devido às demandas de conclusão e entrega dessa pesquisa os trabalhos com os coletivos Recicla Goiás e Mulheres Coralinas precisaram ser suspensos.

Optamos por manter a aplicação da metodologia com o grupo de sujeitos do CEPI Professor Alcides Jubé por incentivos, tanto da escola quanto da universidade, em estreitar os acessos entre as duas instituições e por entendermos que apesar de cidades, teoricamente, serem pensadas para pessoas, a camada de sujeitos envolvidos nesse coletivo é uma das mais negligenciadas por serem crianças e adolescentes que tem seus deslocamentos condicionados a demandas e autorizações de terceiros.

Acreditamos na potencialidade da continuidade deste trabalho buscando acessar os demais coletivos pois, a junção dos mesmos à pesquisa, a inclusão das suas relações, perspectivas, dinâmicas e experiências urbanas, proporcionará uma amplitude de reconhecimento da Cidade de Goiás que enriquecerá tanto as análises sobre esse território quanto as propostas de melhoria e unidade da cidade.

## **5.2. Apresentação das narrativas: a cidade desse sujeito**

O Centro de Ensino em Período Integral Professor Alcides Jubé fica situado na rua Edgar Camelo, esquina com a Rua Bom Pastor, Cidade de Goiás. Em frente ao Câmpus Goiás da Universidade Federal de Goiás, região oeste da malha urbana consolidada, a 200 metros do viaduto na rodovia GO-164, um dos acessos à cidade, fig.42, 43 e 44. A instituição trabalha com estudantes do 6º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio, além de oferecer atividades para o período integral como, orientações extras, aulas de culinária, artes, dança e teatro, informática, musicalização, atividades esportivas e ensino bilíngue.

Foi através de uma das atividades oferecidas para o período integral que propusemos a aplicação da metodologia para o reconhecimento da cidade pela perspectiva dos sujeitos que vivem fora do centro histórico. No primeiro contato com o colégio, realizado no dia 03 de fevereiro de 2022, foram deixados com a Coordenação do Grupo de Diversidades o plano de trabalho da pesquisa de TCC, o currículo lattes da pesquisadora e o comprovante de matrícula da universidade. O direcionamento recomendado foi para a realização de oficinas dentro da eletiva (projeto) “Entre colagens e pinturas - experimentação da arte: Maria Auxiliadora, Ildima Lima e Njideka Akunyili”, conduzida pela professora Karla Alessandra Alves de Souza. Não foi realizado nenhum contato prévio com a professora, porém a mesma teve acesso à documentação entregue ao colégio.

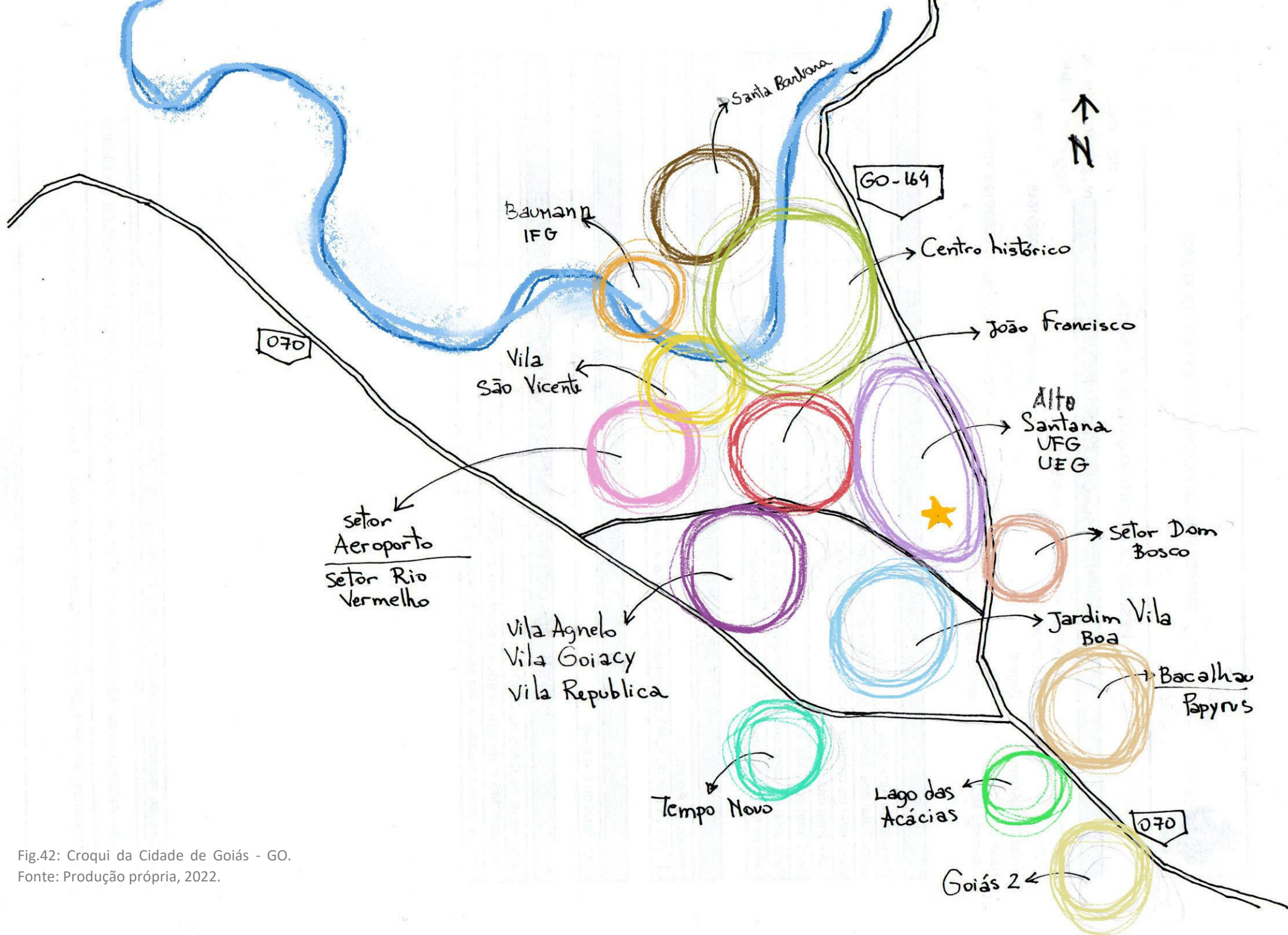


Fig.42: Croqui da Cidade de Goiás - GO.  
Fonte: Produção própria, 2022.

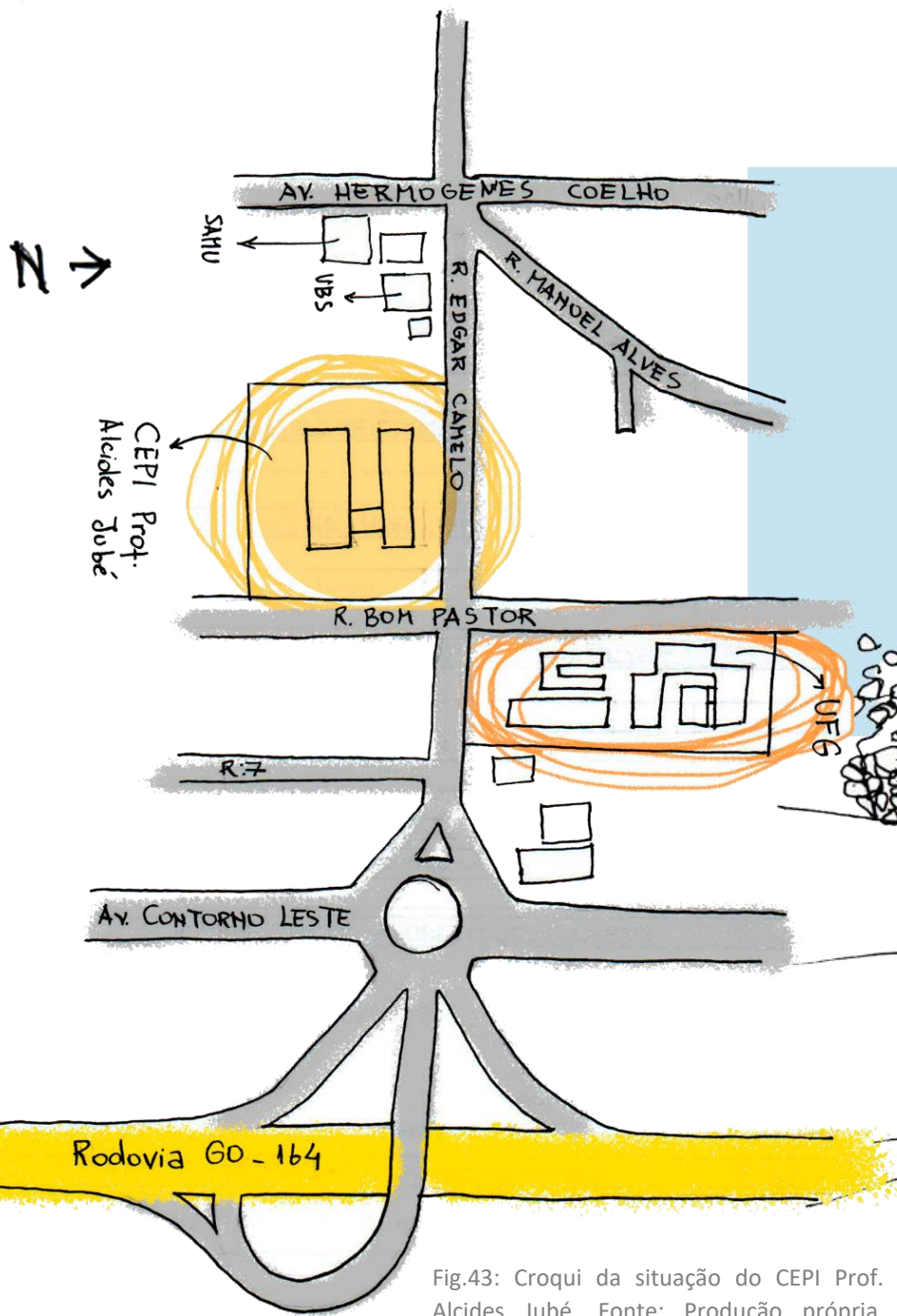


Fig.43: Croqui da situação do CEPI Prof. Alcides Jubé. Fonte: Produção própria,



Fig.44: Croqui da fachada frontal do CEPI Prof. Alcides Jubé. Fonte: Produção própria,

Em orientação prévia, definimos como dinâmica metodológica a aplicação de três oficinas onde, na primeira seria realizado um reconhecimento da área/perímetro trabalhado a partir das informações disponibilizadas pelos estudantes, como bairro de residência e trajeto até a instituição de ensino. Na segunda oficina, a proposta seria realizar a elaboração de desenhos de memória dos elementos que marcavam esse trajeto com o objetivo de construir um mapa mental coletivo e na terceira oficina, a proposta seria a apresentação de desenhos realizados pela pesquisadora a fim de identificar lacunas nos trajetos descritos e iniciar as reflexões sobre a cidade que existe na memória desses sujeitos.



Fig.45: registros de oficina realizada no CEPI Professor Alcides Jubé, 2022 (produção própria).

### 5.2.1. Relatório das oficinas

- *Oficina 01*

*No dia 10 de fevereiro, data da aplicação da primeira oficina parcialmente estruturada em orientação com o professor João Paulo de Oliveira Huguenin, a dinâmica começou as 15 horas, com algum atraso para a chegada dos estudantes. Após apresentação da eletiva, feita pela professora, a mesma cedeu espaço para que a dinâmica da oficina fosse apresentada. Trabalhamos sobre um mapa da Cidade de Goiás impresso em duas folhas em tamanho A1 com escala de 1:15000. A proposta era de que cada estudante se apresentasse, contasse sobre o bairro em que ele vive e, se possível, mostrasse como ele circulava pela cidade, seus caminhos mais frequentes. Essa atividade aconteceu sobre o apoio do mapa, em uma leitura onde a cidade é vista por completo de cima. Utilizamos lápis de cor, marcadores de texto e post-it para intervenção no mapa. A lista de presença registrou 9 estudantes na primeira oficina, contando com estudantes de etnia Xavante, o que motivou a proposta de alteração da dinâmica metodológica a fim de buscar entre esses estudantes informações específicas por possuírem um contexto que não foi previsto nesta pesquisa.*

*Durante as apresentações, me coloquei como a forasteira que sou na cidade e, ao final da dinâmica realizada em um intervalo de 1 hora, foi possível conversar sobre os deslocamentos deles pela cidade e como eles se situam, como identificam os bairros em que estão através de elementos inseridos na paisagem na mesma escala que eles, na altura de seus olhos. Demonstraram interesse na continuidade das dinâmicas em oficinas subsequentes.*

*Em conversa com a professora da eletiva, foi pensada a possibilidade de conectar as oficinas com a produção da pintora brasileira Maria Auxiliadora da Silva, e propor o desenvolvimento de trabalhos inspirados no cotidiano coletivo dos estudantes, conseguindo assim vincular a pesquisa à proposta da eletiva, tanto em temática abordada quanto em técnica utilizada para realização dos trabalhos.*

- *Oficina 02*

*Para a segunda oficina, no dia 12 de fevereiro de 2022, estruturamos uma atividade que seria a continuação da atividade desenvolvida na oficina 01, quando os estudantes apresentaram o bairro da cidade em que moram e qual o trajeto fazem até chegar à escola. Na atividade dessa segunda oficina a proposta era de que os estudantes construíssem um mapa mental coletivo desse trajeto, quem em diversos pontos convergiam uns com os outros, através de desenhos em tamanho A6 de elementos que marcam a paisagem de suas casas até a escola. A grande surpresa fora de que os estudantes que participaram da oficina 01 não estavam presentes na oficina 02. Isso implicou em um remanejamento de atividades sem planejamento prévio.*

*Como era um novo grupo de estudantes fora proposta a realização da atividade 01 novamente, e em seguida apresentamos a proposta da atividade 02. Tivemos aproximadamente o mesmo número de estudantes em sala nessa oficina, um total de 11, porém não conseguimos efetivar a participação de todos. Os estudantes indígenas que se fizeram presentes, sempre dispostos a participar, realizaram a atividade propondo algumas reflexões sobre casa e moradia.*

*Pedimos que eles apresentassem, em forma de desenhos, o que existe no trajeto de suas casas até a escola que chama a atenção de modo que conseguissem desenhar sem que fosse necessário observar o caminho. Em resposta, eles representaram elementos, trajetos e cenários, de suas aldeias. A casa em que eles vivem na Cidade de Goiás não parece ser o que eles consideram como casa, abrigo ao qual pertencem.*

*Em alguns desenhos realizados aparecem a representação de ruas e vias expressas, muito devido ao fato de que a maior parte dos estudantes que participaram dessa oficina moram em bairros desconectados do tecido urbano consolidado da Cidade de Goiás, e sua conexão com a mesma e com a escola, é por meio da rodovia. Diferente da oficina anterior, onde a maioria dos estudantes participantes moravam nos setores João Francisco e Aeroporto.*

*Para a realização dessa oficina disponibilizei o acesso dos estudantes aos meus materiais pessoais de desenho, o que pode ter incentivado parte da produção deles, mas também pode ter desviado o foco, pois em parte do tempo estavam testando canetas e marcadores. Disponibilizei também o acesso a alguns dos materiais bibliográficos utilizados na pesquisa, logo após uma conversa breve com eles sobre desenho e suas possibilidades enquanto ferramenta de expressão e comunicação. Compartilhei com os estudantes os impressos **Strist vistas – Camila Garcia, Entre a rua e o imaginário – Elisa Azevedo Ribeiro, o zine Medo de gente - André Felipe Cardoso, e Os devotos de São Sebastião da Pedreira – (org.) Lucinete Aparecida de Moraes**. O material foi selecionado pensando na proposta da atividade de produção de mapas mentais e representações*

*através de desenhos. Nessa oficina, utilizamos todo o tempo disponível para a eletiva, totalizando 2 horas.*

*Após reunião com o orientador da pesquisa realizada, no dia 21 de fevereiro de 2022, pensamos como proposta para a oficina 03 a apresentação de desenhos realizados in loco e de memória pela pesquisadora, nos trajetos apresentados pelos estudantes participantes, a fim de que complementem o material já produzido na oficina 02 e estimulem os estudantes a continuarem a construir essa cidade mental percorrida diariamente. Após essa terceira oficina esperamos ter material para análise de vivência urbana de sujeitos naturais da Cidade de Goiás (os estudantes vilaboenses), de sujeitos inseridos nessa cidade vindos de um contexto completamente diferente (os estudantes Xavantes) e do sujeito de fora com o olhar treinado para observar a cidade (a pesquisadora).*

- *Oficina 03*

*Para a terceira oficina, a proposta era continuar com a construção do mapa mental coletivo, intercalando desenhos produzidos por mim, enquanto pesquisadora, dos trechos percorridos pelos estudantes participantes. Para isso, foi realizado uma imersão em campo que consistiu no deslocamento pela cidade utilizando o transporte público coletivo. A experiência de enxergar e identificar a cidade através da janela de um ônibus não é necessariamente tranquila. O tempo do desenho é incompatível com o tempo de deslocamento do veículo, além da movimentação ocasionada pelas condições das vias do percurso, que dificultava também a escrita.*

*Por fim, para registrar os elementos que foram considerados marcos nesse trajeto optei pela utilização de um aplicativo de celular para gravar as impressões. No momento da produção dos desenhos foi necessário recorrer à memória, e essa metodologia também foi desafiadora, pois partes do trajeto não eram familiares para mim, não faziam parte do meu dia-a-dia e mesmo os que faziam acabavam perdendo alguns nuances ou se prendendo apenas em detalhes.*

*Na tentativa de minimizar essas lacunas, em um segundo momento houve o retorno aos locais registrados e a produção de croquis de observação e algumas fotos para que os desenhos fossem produzidos a partir de foto-referência. Em sala de aula, me deparei novamente com uma nova turma de estudantes, dessa vez com alguns estudantes que haviam participado da oficina anterior. Foi necessário aplicar as dinâmicas das oficinas 01 e 02 novamente. Por ter poucos desenhos produzidos para complementar o mapa mental que estava sendo produzido, a interação dos estudantes foi reduzida, o interesse diminuiu uma vez que na oficina anterior parte dos estudantes já haviam participado da mesma dinâmica.*



Fig. 46 e 47: registros de oficina realizada no CEPI Professor Alcides Jubé, 2022 (produção própria).

### 5.2.2. A cidade-memória

Já nos disse Holzer (2000, p.111) “qualquer trabalho que se refira a espacialidade humana deve referir-se à memória”. E, partindo a experiência de conhecer a cidade pela perspectiva e memória de sujeitos que vivenciam as dinâmicas periféricas dessa cidade, conseguimos catalogar os produtos desenvolvidos em seis tópicos apontados pela observação do que ativava a memória dos estudantes acerca de seus percursos e sua própria relação com os espaços urbanos. Foram eles:

- os marcos arquitetônicos;
- os elementos que marcavam os deslocamentos, os trajetos;
- as paisagens naturais;
- as relações humanas;
- as paisagens afetivas;
- o intangível.

Após essa primeira organização conseguimos identificar o quanto as referências corporais desses sujeitos influenciam a constituição dos seus lugares. Seus deslocamentos físicos, o corpo presente, e mentais, de memória e imaginação, criam uma relação de reconhecimento e pertencimento com esses espaços. Os fatores que condicionam esses deslocamentos proporcionam perspectivas e leituras desses espaços que apontam para subjetividades muitas vezes negligenciadas durante os exercícios de análise e proposição projetual.

Os marcos arquitetônicos;



Fig. 48: produção dos estudantes, 2022.

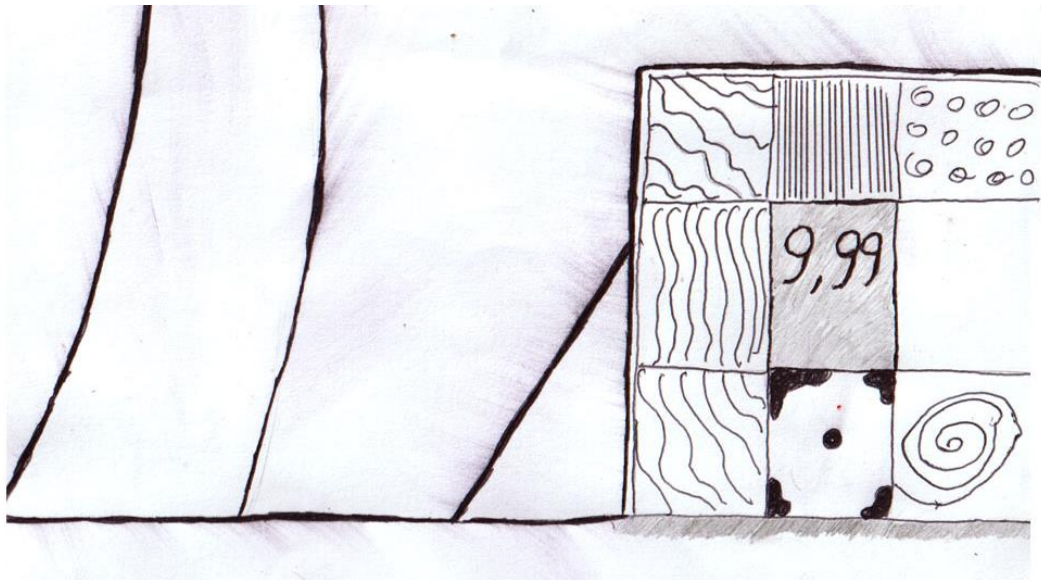


Fig. 49, 50 e 51: produção dos estudantes, 2022.

Os elementos de trajeto e deslocamento;

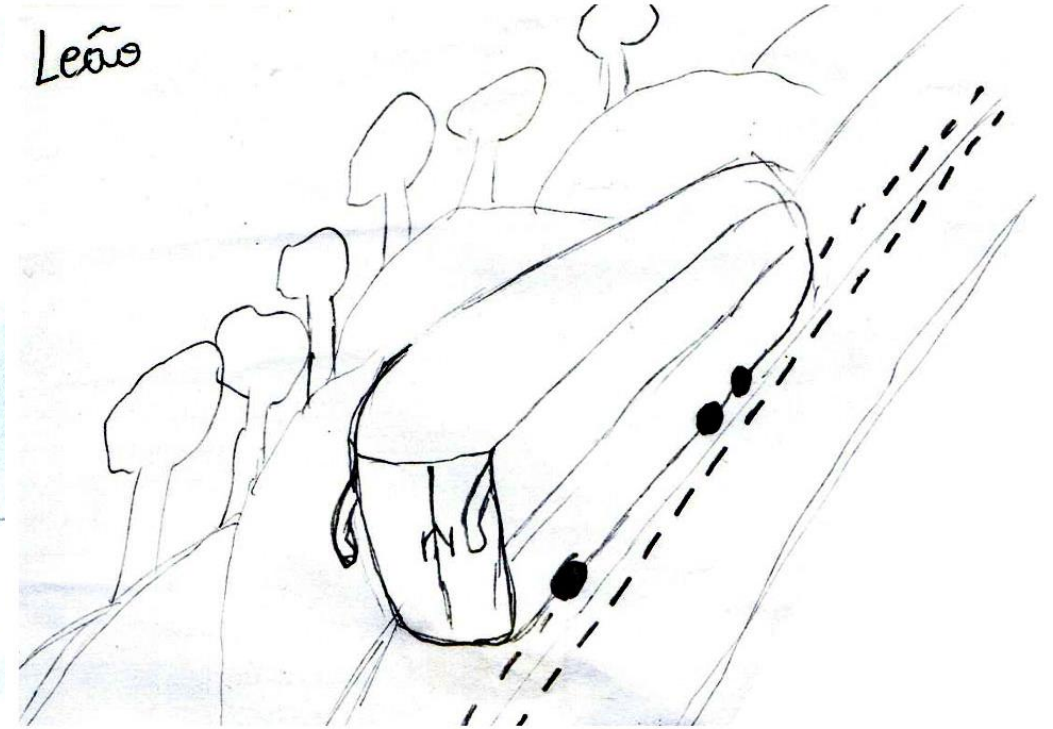
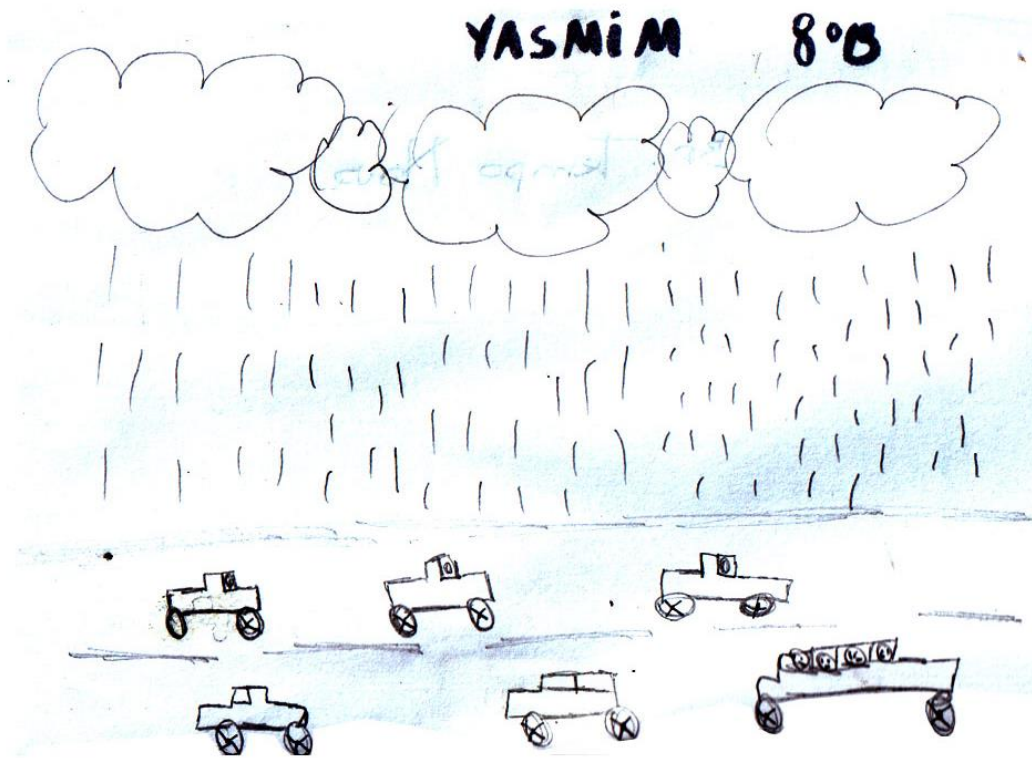


Fig. 52 e 53: produção dos estudantes, 2022.

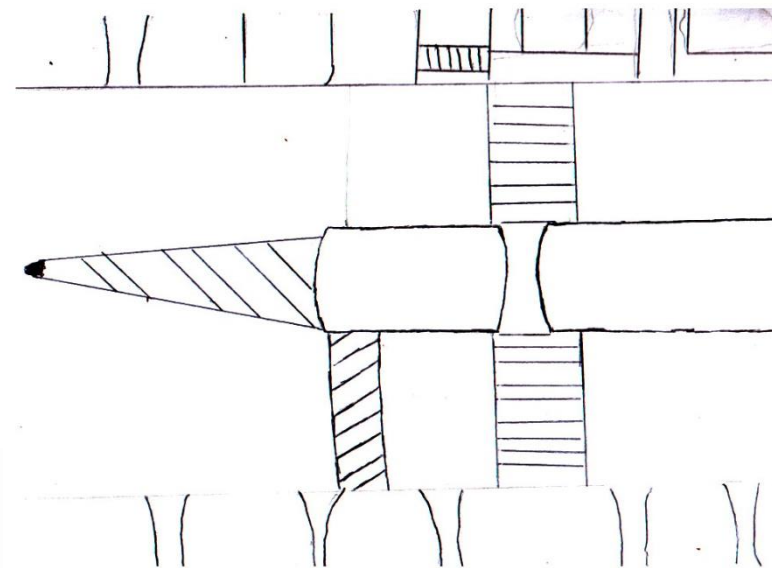


Fig. 54, 55 e 56: produção dos estudantes, 2022.

As paisagens naturais;



Fig. 57 e 58: produção dos estudantes, 2022.

As relações humanas;

Leão



Leão V. Tseré.



Leão V.



Leão V.

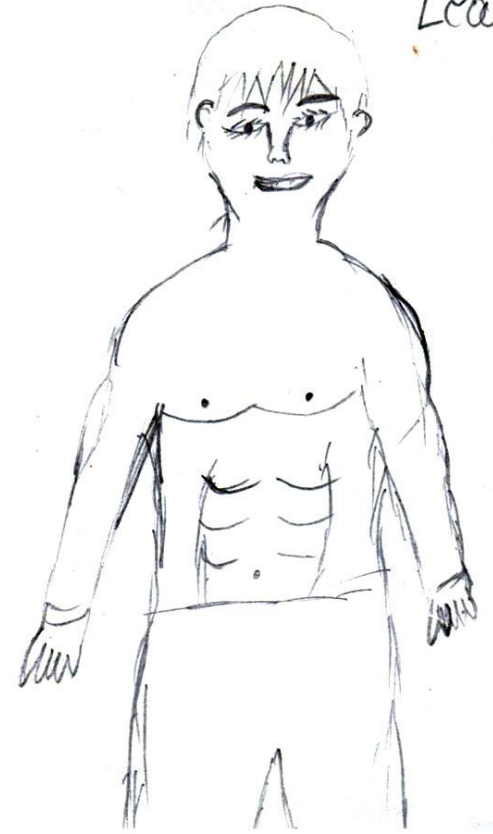


Fig. 59, 60, 61 e 62: produção dos estudantes, 2022.

As paisagens afetivas;



Leilison Ferreira  
8ºB

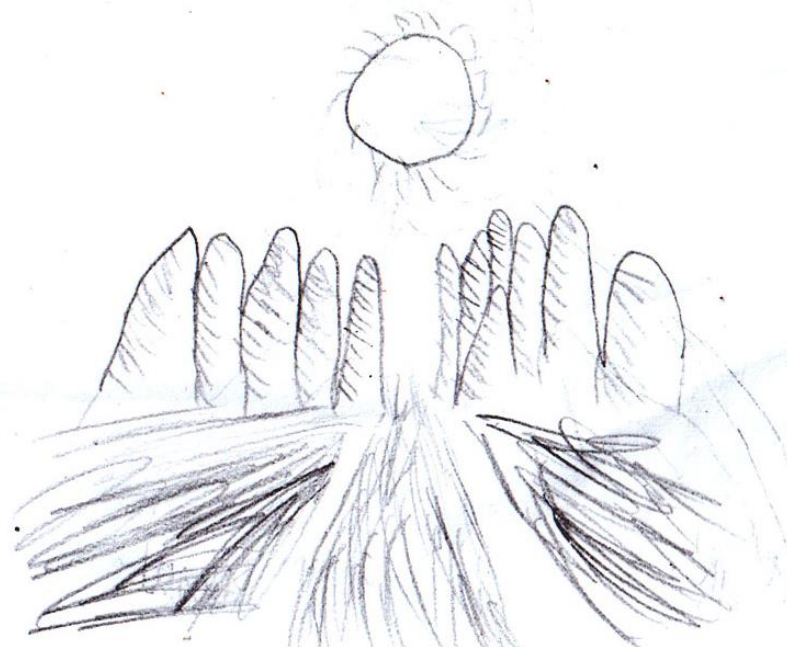


Fig. 63, 64 e 65: produção dos estudantes, 2022.



Fig. 66: produção dos estudantes, 2022.

O intangível;

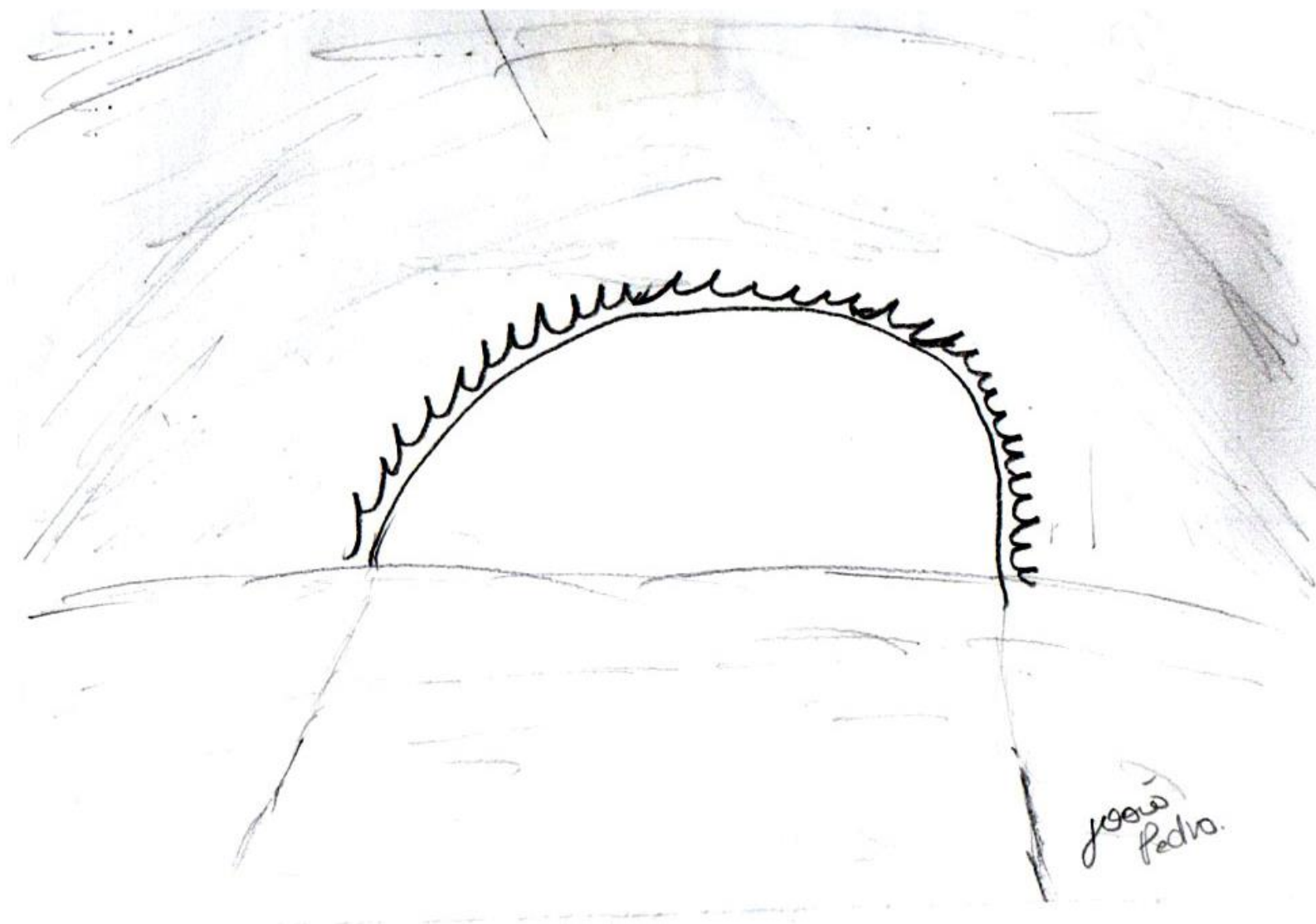


Fig. 67: produção dos estudantes, 2022.

Os marcos arquitetônicos foram identificados como elementos identitários das paisagens em que estão inseridos, como a fig. 48 que apresenta a representação do posto Tracajá, no trecho da rodovia de acesso à cidade onde se separam os setores Tempo Novo e Bacalhau, e a fig. 50 que apresenta um expositor de pisos cerâmicos de uma casa de materiais de construção que mantém expostas as mesmas peças com o mesmo preço. Na fig. 49, surge a imagem de um trecho da Avenida Dario de Paiva, reconhecida como uma área de descanso no trajeto por apresentar vegetação que proporciona sombra e iluminação pública. Na fig. 51, também catalogada como marco arquitetônico, surge a imagem de uma igreja. O desenho foi produzido por um dos estudantes Xavantes e, mesmo não sendo um elemento presente no seu trajeto até a escola, se mostrou como algo fixado em sua memória como sendo algo que deveria ser mencionado.

Nos elementos que marcam o trajeto e os deslocamentos, fig. 52, 55 e 56, a via pública é determinante, tanto em planta quanto em perspectiva e/ou vista. Uma possível análise desse fato é de que os estudantes que participaram da pesquisa enfrentam longos percursos no processo de deslocamento até a escola, algumas vezes feito caminhando, outras vezes no transporte público coletivo. Tanto dentro do perímetro urbano quanto nos trechos de rodovia, a estrada se revela dominante e serpenteante. A paisagem, quase toda, é ela, fig. 52 e 56. Nas fig. 53 e 54, a estrada que se revela não pertence ao município de Goiás, ela existe na memória de um dos estudantes Xavantes que, marcados pela saída de seu contexto social e morada original, entendem o processo de percurso de casa para escola como o trajeto da aldeia até o atual local.

Nas produções marcadas pelas paisagens naturais, nas fig. 57 e 58, mais do que um aglomerado arbóreo, os elementos representados marcam a passagem do tempo, a mudança das estações, e como isso permanece no reconhecimento do percurso e do local em que se está.

A relações humanas é um fator que marca a vida de todos. Jan Gehl (2013), em *Cidades para pessoas*, já disse que o homem busca o homem, em uma tentativa de ver o outro e ser visto por ele. E embora esse seja um fato aceito, uma situação curiosa se apresentou nessa modalidade. Todos os desenhos, fig. 59, 60, 61 e 62, foram produzidos por estudantes Xavantes. Em nenhum outro desenho, de nenhuma outra modalidade, se representou a figura humana. Algumas teorias podem ser levantadas aqui, seja pelo cenário de pandemia que exige o distanciamento social a dois anos, gerando uma nova relação entre as pessoas e os espaços urbanos de uso público e coletivo, seja pela formação social e consciência coletiva distintas entre os estudantes nascidos no município e subordinados às regras de conduta implantadas e os estudantes indígenas que vivenciaram outro contexto e formação.

As paisagens afetivas, fig. 63, 64, 65 e 66, surgiram de lugares que não compõem o trajeto até a escola, mas que vem com estudantes como um lugar seguro, afastado do núcleo urbano, mas contendo ainda algumas dinâmicas e elementos urbanos, como os caminhos e a presença humana que, mesmo não se apresentando na imagem de uma pessoa, revela sua posição através de uma ação que exigiria a ação humana, fig. 63 e 66. Nessa categoria surge na paisagem da fig. 64 elementos naturais que não fazem parte do conjunto paisagístico da Cidade de Goiás, e que possui muita semelhança com a formação paisagística apresentada a fig. 54. Ambas foram

construídas por estudantes Xavantes e revelam esse lugar que é deles e que se mantem nas suas percepções de cidade. A fig. 65 também foi produzida por um estudante indígena que mostra, mais uma vez, a relação entre o homem e a natureza.

Na última categoria, o intangível, traz a construção imagética de um lugar nunca visitado, fig. 67, que não foi ainda experienciado, mas se mantem como um desejo. Um lugar que, diferente das paisagens afetivas, não existe na memória, mas sim, na imaginação. Essa é uma cidade irreal, construída com base em elementos externos a tudo o que o sujeito possa estar envolvido, seus sonhos e ambições e o deslocamento até ela acontece rápido, em uma batida de coração.

**6. Capítulo 4:**  
Confronto entre espacialidade e narrativa



Quando Holzer (2000, p. 113) cita Tuan (1974 – 1977), o autor diz que “o lugar encarna as experiências e as aspirações pessoais, é uma realidade que deve ser compreendida da perspectiva dos que lhe dão significado”. Depois das oficinas desenvolvidas com os estudantes do CEPI Professor Alcides Jubé, partimos para a imersão pelos espaços e trajetos apontados durante essas oficinas. Consideramos as condicionantes que diferenciam as experiências, como as realidades e contextos sociais divergentes entre a pesquisadora e os estudantes que vivenciam essa cidade, e apesar de a experiência de ver a cidade através de uma janela de ônibus ter sido desafiadora, ela rendeu a seguinte narrativa:

*“Logo após a OEC, passamos por uma lojinha que recicla pneus, transformando-os em vasos pintados. O trajeto do ônibus nesse trecho parece ser um grande corredor, a impressão é de se estar em um labirinto rodeado de casas, sempre muros. Passamos pelo TER, que é uma edificação com uma tipologia completamente diferente disso, sendo um elemento curvo pintado de azul ao lado do galpão em blocos de concreto, de formato bem básico e telhado metálico em duas águas, utilizado pela coleta seletiva da cidade. Durante o deslocamento do ônibus quase não se pode perceber a totalidade dos elementos, tanto pela velocidade quanto pela estreita largura da via, as casas são muito próximas da rua e quase não se tem calçadas. Os momentos de maior percepção do entorno é quando o veículo estaciona nas paradas não identificadas do ônibus. De dentro do ônibus não dá para ver o horizonte, e poucas faixas de céu se revelam nas janelas. A maioria das casas possuem telhados de duas águas com telha cerâmica, salvo algumas edificações que passaram por algum tipo de reforma extrema, assim como também possuem muros que*

*fecham e isolam toda a frente das casas. As praças são os momentos em que o horizonte se amplia e a vista alcança novas perspectivas, um pouco mais de serra, um pouco mais de céu. Mas logo depois retorna para o corredor, o labirinto estreito.*

*Na descida do bar e restaurante Zé Faia é quando conseguimos ver uma parte da rodovia 070, que vai para o bairro Tempo Novo, e parte da Serra Dourada. A pequena rotatória em frente ao supermercado Souza, em um dos pontos mais caóticos da cidade, conta apenas com um elevador gramado, um poste de 3 lâmpadas e um memorial em pedra. A partir daqui o percurso dentro do bairro João Francisco permite uma visada da Serra Dourada em cada esquina. Nesse bairro, as vias são um pouco mais largas, e já permitem que vejamos a totalidade das edificações de um pavimento. Esse é um bairro que possui várias visadas que facilmente se transformam em marcos visuais, como o hospital verde de janelas em formato elíptico, a pastelaria entre esse hospital e o presídio, a rodoviária azul que já foi verde e que fica semi-enterrada, bem abaixo do nível da rua e o único ponto de ônibus visto até aquele momento.*

*A perspectiva de dentro do ônibus é muito estreita, o campo de visão é muito limitado. Passando em frente ao estádio, início do setor Vila Boa, só se consegue ver o topo das luminárias, grandes holofotes que iluminam os morros em volta em dias de jogo. As duas casas vizinhas, com boa parte do telhado recoberto com painéis solares também se tornam uma referência.*

*Entrando na rodovia, o posto de gasolina é o último elemento marcante antes da paisagem ser completamente tomada pelo visual da Serra Dourada. Seria um visual tão*



Fig. 68 e 69: registros de campo, deslocamento em transporte público coletivo, 2022 (produção própria).

*imponente, se não fosse pela serpenteante asfáltica que constrói a linha expressa da rodovia GO-164. Outro posto de gasolina marca o encontro de dois bairros, o Papyrus e o Bacalhau, que se apresentam logo após o portal de árvores que recepciona quem chega por aquela entrada. Um gigantesco equipamento abandonado, com telhado metálico, ao lado do prédio do corpo de bombeiros, indica sem placa alguma o lugar da cidade em que se está.*

*O conjunto habitacional do Papyrus é composto por um padrão residencial popular, telhado cerâmico de duas águas, sem muro, janela e porta na fachada principal. Algumas delas apresentando alguma intervenção, porém nada tão radical quanto as que foram vistas no setor Aeroporto. O confuso itinerário do transporte público resultou em uma viagem que não atravessou todos os setores da periferia, o bairro Tempo Novo não fez parte do trajeto. Na saída do setor Papyrus o guarda-corpo do Lago das Acácias surge antes mesmo que notemos a rodovia.*

*No trecho entre os setores Bacalhau, Papyrus, Lago das Acácias e Goiás 2 é muito frequente e facilmente notado a presença e fluxo de veículos pesados, grandes caminhões transportando gado principalmente. Porém, são as pequenas lojas de artesanato em cerâmica que indicam que estamos nos aproximando do bairro Goiás 2 que confirma sua identidade com uma enorme pedra marcando a entrada, o reservatório da Saneago e a sequência de casas com padrão tipológico semelhante à dos setores Aeroporto e Papyrus.*

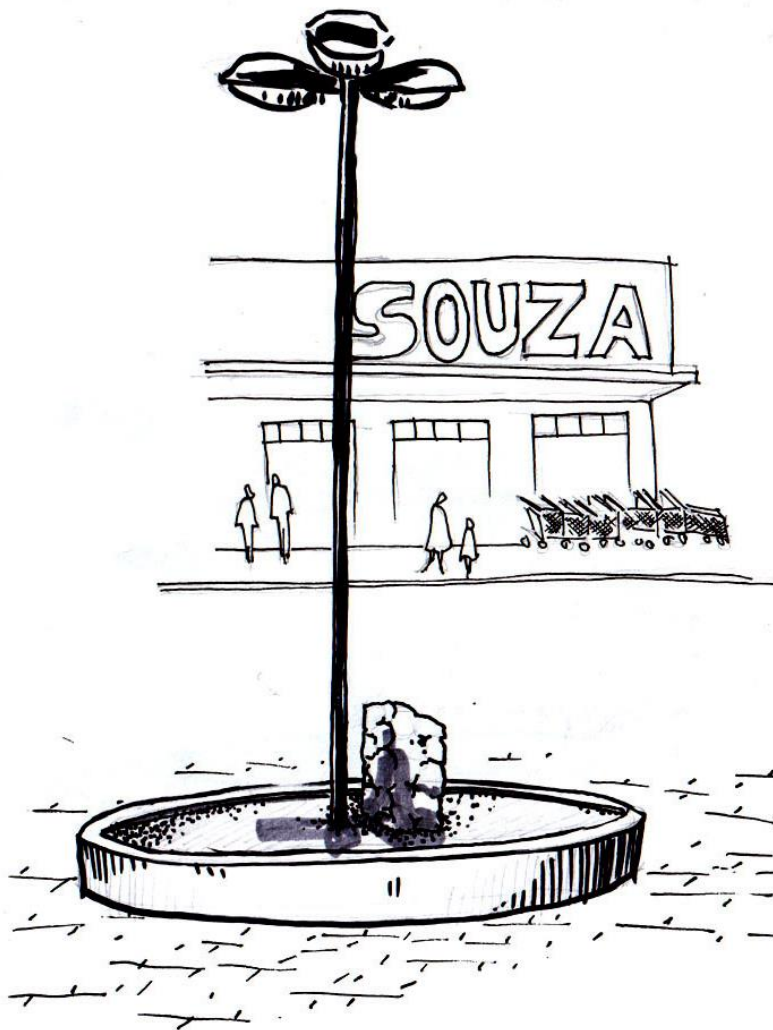


Fig. 70: registros de memória do setor João Francisco, 2022. (produção própria).

*O final da rota é marcado pelos elementos reconhecíveis do Hotel Fazenda Serra das Orquídeas, o grande anúncio de boliche, a torre amarela da recepção, o muro de pedras. Depois disso, retornamos para o início da rota.”*

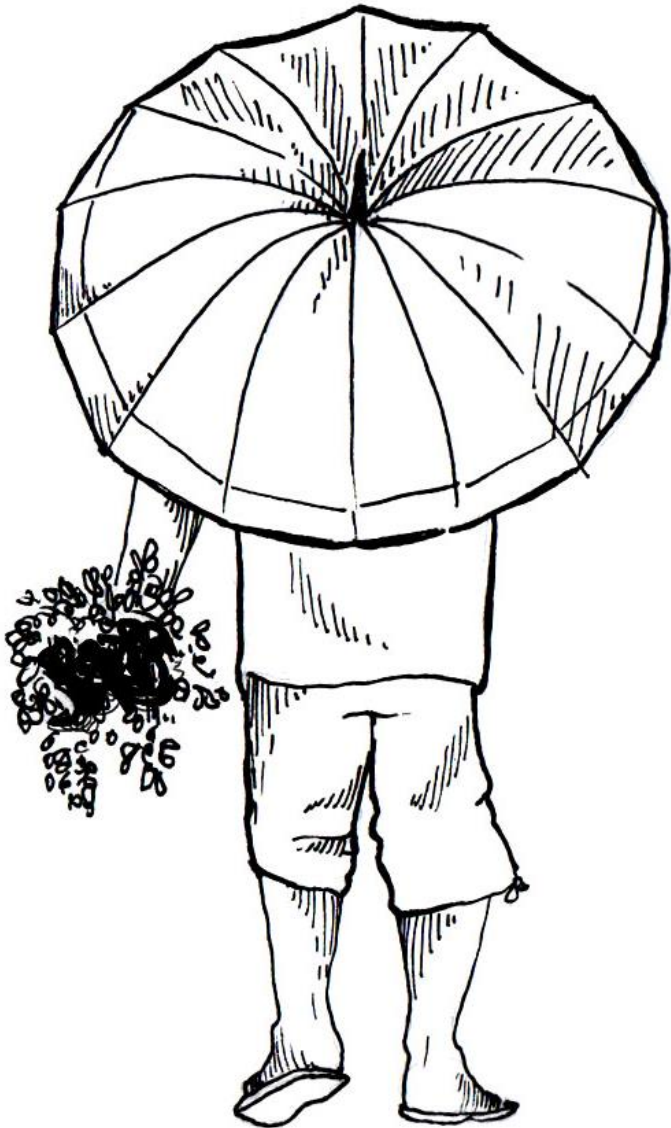
Esse texto foi produzido a partir da gravação de voz feita durante o trajeto, não considerando elementos que a pesquisadora sabe que existem, mas que não foram levantados pois, sua posição dentro do veículo não permitia que tais elementos fossem visualizados. Algumas peças foram produzidas a partir de anotações a respeito do trajeto e detalhes fixados na memória, resultando na criação de uma cidade-memória, porém, dessa vez, sendo essas memórias de uma não-vilaboense. Holzer diz que,

“o lugar implica em uma pausa no deslocamento, em um acúmulo de experiências e no aparecimento de expectativas e de aspirações em relação ao sítio, dando-lhe o significado especial de lugar”. (HOLZER, 2000, p. 118)

Em partes do trajeto experienciado durante a imersão, não existia entre a pesquisadora e o espaço nenhum acúmulo de experiências, apenas expectativas e aspirações em relação ao sítio. E, em várias ocasiões, o momento da pausa significava uma parada do veículo para embarque e desembarque de passageiros. E assim como mencionado na narração, a perspectiva de dentro do ônibus é muito estreita, o campo de visão é muito limitado, do tamanho de uma janela. E assim como a janela, na memória coube apenas o que podia ser capturado de imediato.



Fig. 71: registros de observação do setor João Francisco, 2022 (produção própria).



O resultado dessa experiência pode de ser observado nas fig. 70 e 71, que apresentam, respectivamente, uma representação construída a partir de um fragmento de memória e uma representação construída com base na observação *in loco*. Além da imersão pelo transporte público coletivo, também foi realizada a imersão com deslocamento a pé por alguns bairros periféricos inseridos na malha urbana, como setor aeroporto, vila São Vicente, setor João Francisco e perímetros limítrofes do centro histórico.

Um segundo caso a ser observado sobre a cidade-memória e a cidade-observada nas fig. 72 e 73, que são a representação do mesmo espaço urbano, a Praça do Queijinho, próximo a um dos trechos do Rio da Prata. A construção da fig. 72 foi realizada em conjunto com um dos estudantes do CEPI que tinha esse como um dos pontos de seu trajeto até a escola. Já a fig. 73 foi construída a partir da observação no local. Nas representações de memória não são inseridas figuras humanas, veículos ou qualquer outro elemento móvel que revelam as dinâmicas existentes naquele espaço. Diferente das representações feitas a partir da observação *in loco*, que trazem essas informações entrelaçadas na composição da imagem.

A relação, ainda que passageira, que temos com os espaços, seus equipamentos, seus sujeitos, suas funções, nos fazem perceber ou ignorar características identitárias dos lugares. Quando mantemos vínculos com um determinado lugar por apenas um motivo e ignoramos qualquer outra atividade que possa existir ali, acabamos por limitar todas as relações e urbanidade existente.

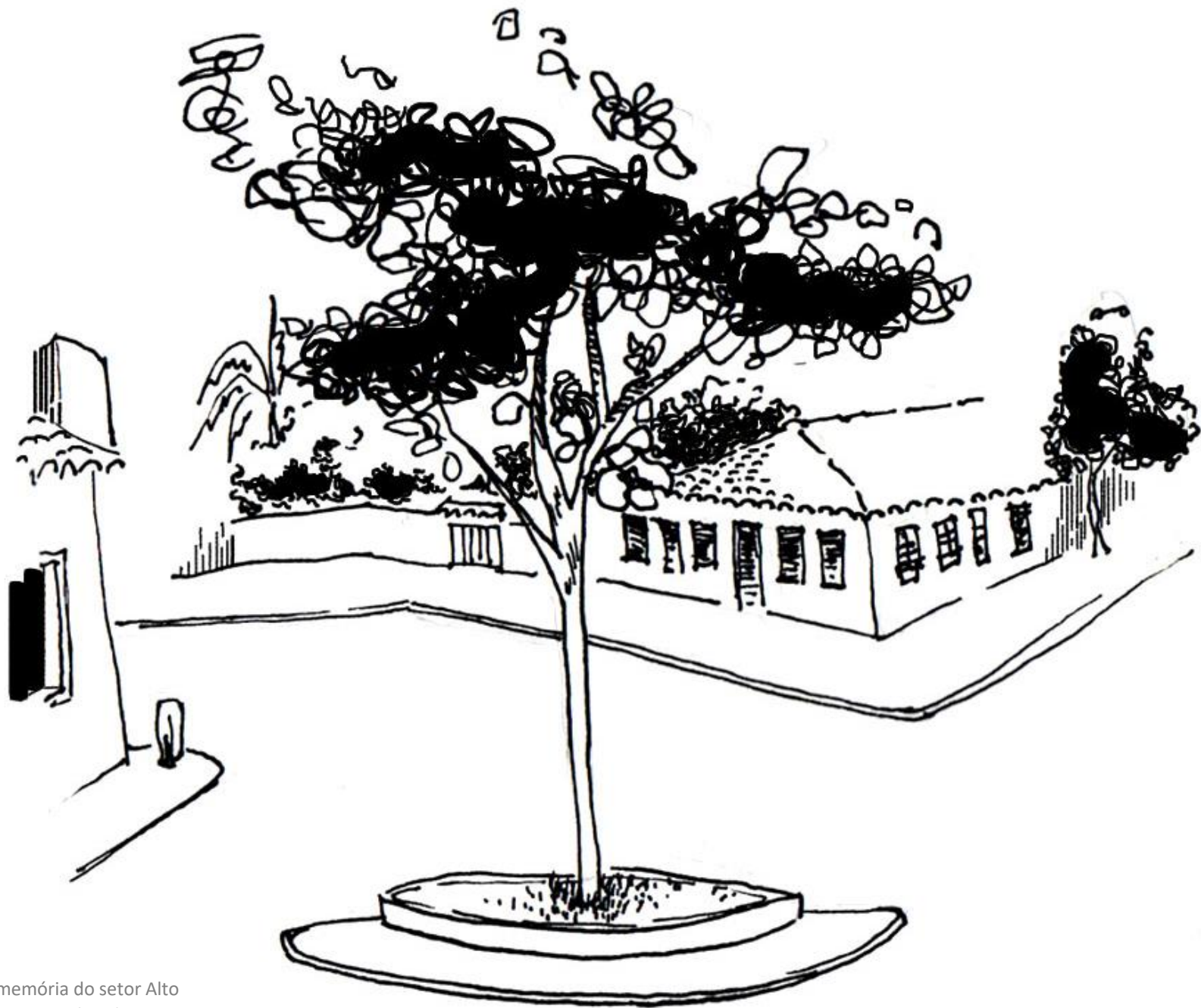


Fig. 72: registros de memória do setor Alto Sant'Ana, 2022. (produção própria).





Fig. 73: registros de observação do setor Alto Sant'Ana, 2022. (produção própria).



Fig. 74: registros de observação do setor Alto Sant'Ana, 2022. (produção própria).

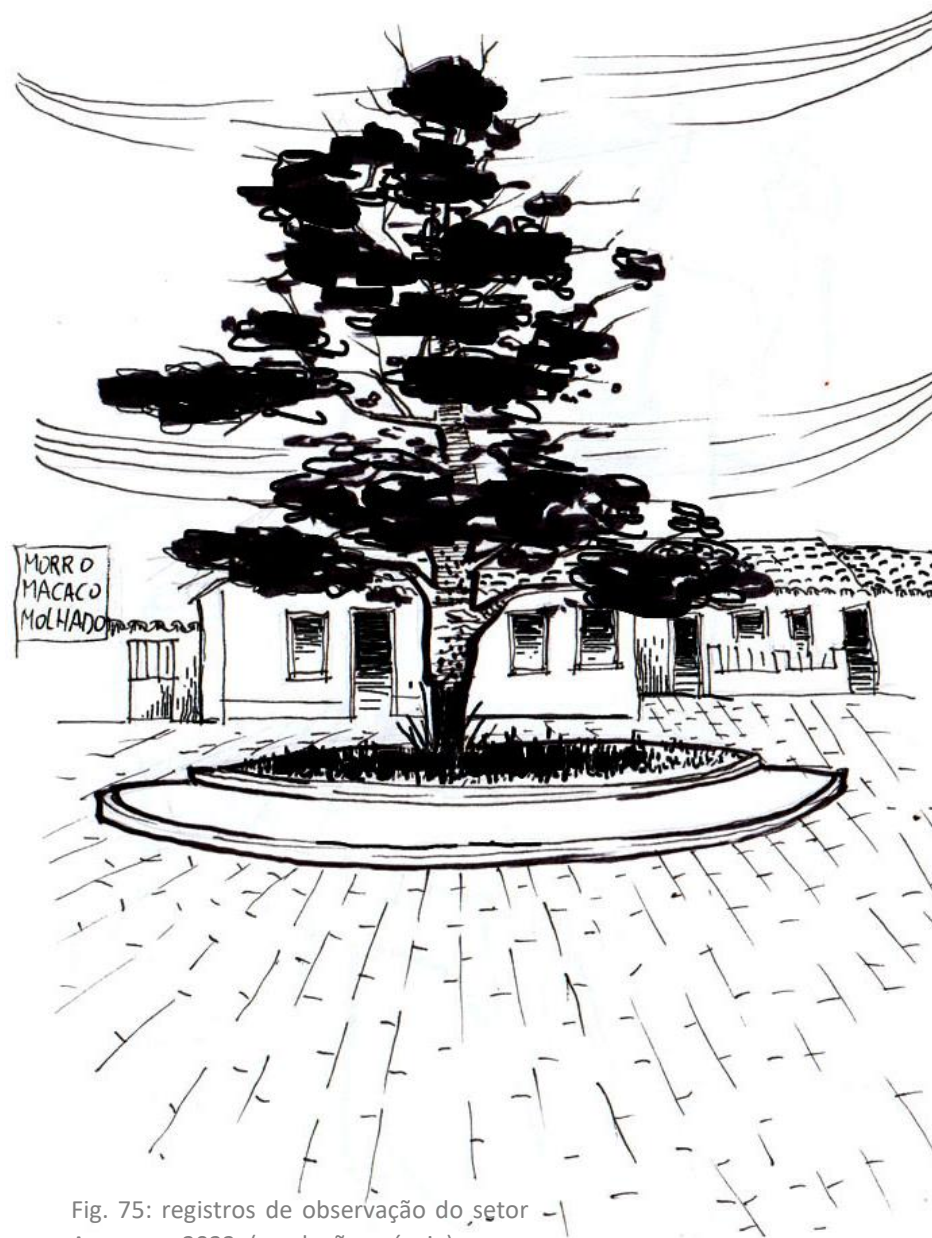


Fig. 75: registros de observação do setor Araguay, 2022. (produção própria).

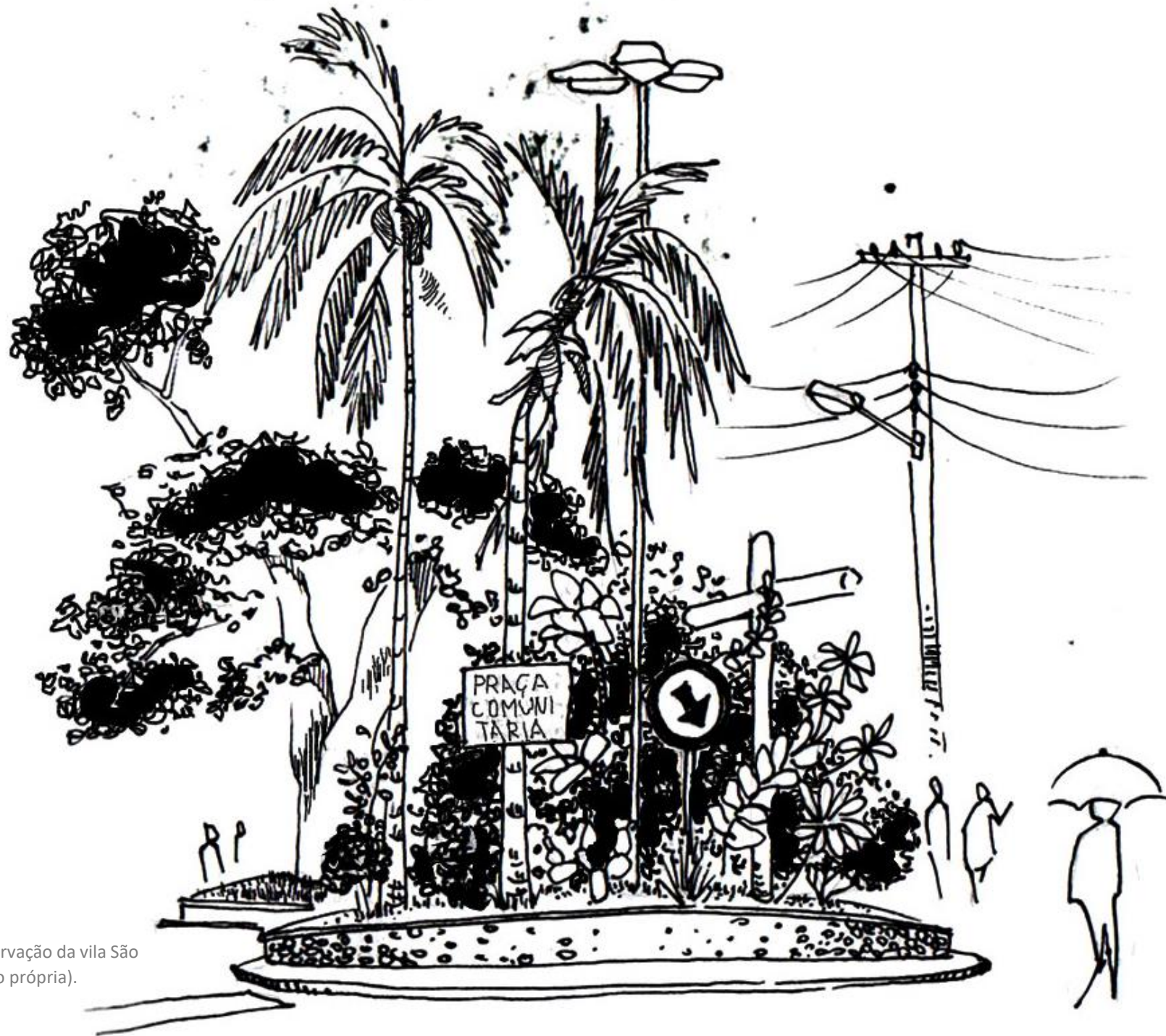


Fig. 76: registros de observação da vila São Vicente, 2022. (produção própria).

Ainda quando falamos sobre as representações de periferias, existe uma questão cartográfica e tecnológica que acaba por invisibilizar ainda mais esses espaços, principalmente em pequenas cidades. Uma das propostas metodológicas trabalhada na elaboração das peças gráficas seria a observação via *Google Street View*, porém a maior parte dessas periferias não possui o reconhecimento por imagens desse sistema. O acesso e a leitura dessas periferias somente é possível via contato direto, uma vez que a análise por mapas e plantas técnicas podem fornecer algumas informações referentes a uma vivência bidimensional, avistada de cima, mas nada diz sobre o que acontece quando nos posicionamos na mesma altura dos que caminham por ali.

No caso da Cidade de Goiás, o inverso acontece no perímetro do centro histórico, onde é possível visitar quase todas as ruas utilizando apenas os recursos do *Google Street View*.

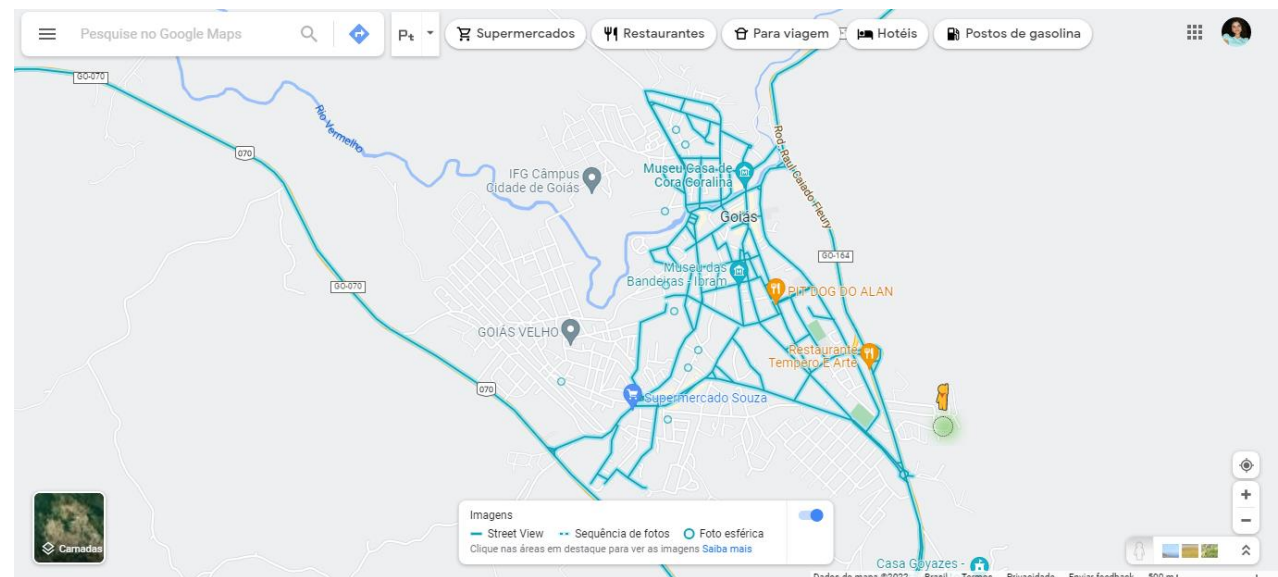


Fig. 77: Percursos assistidos pelo *Google Street View*, na Cidade de Goiás, 2022.  
Fonte: Google Maps.



Fig. 78: registros de observação da vila São Vicente, 2022. (produção própria).

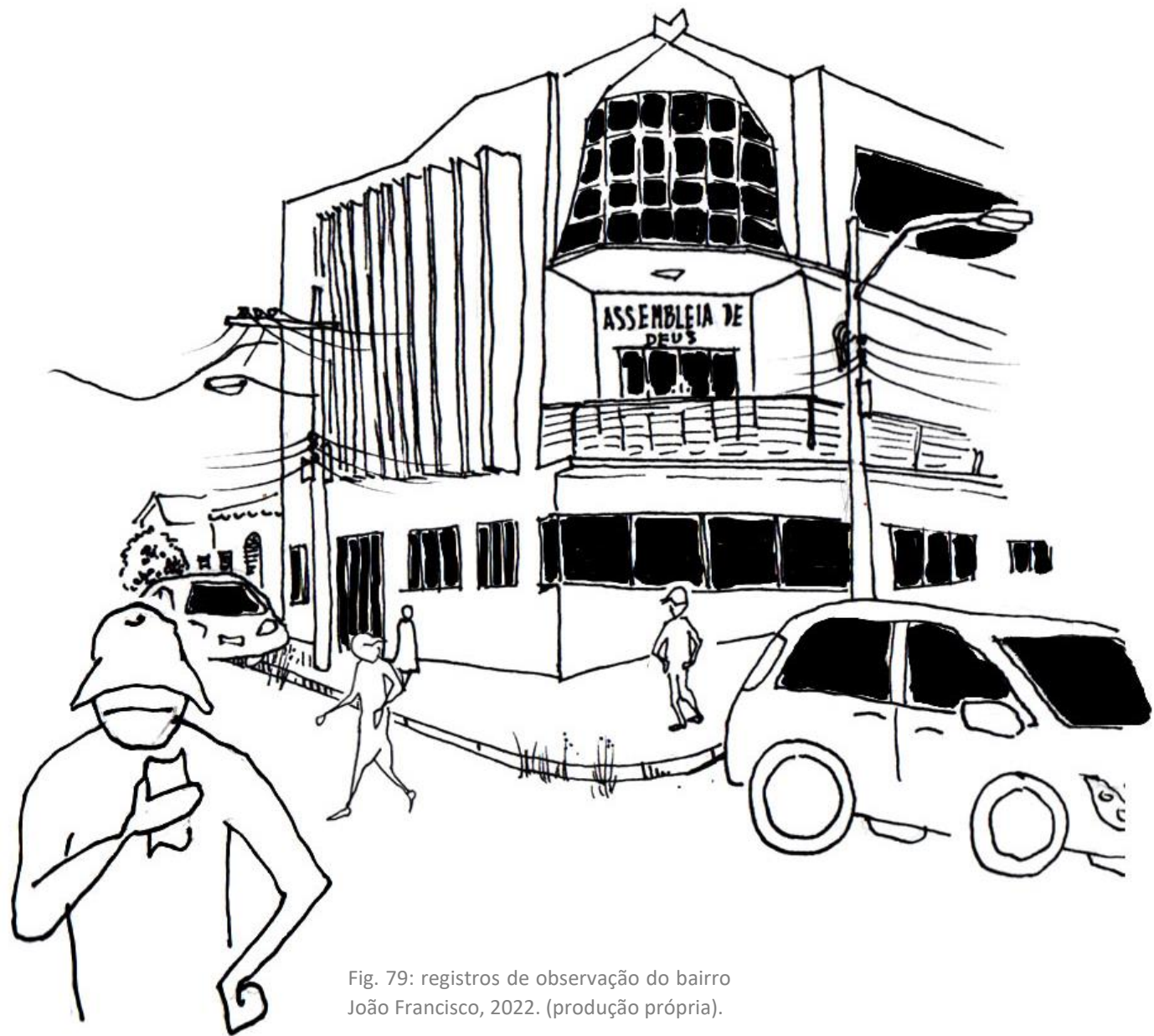


Fig. 79: registros de observação do bairro João Francisco, 2022. (produção própria).

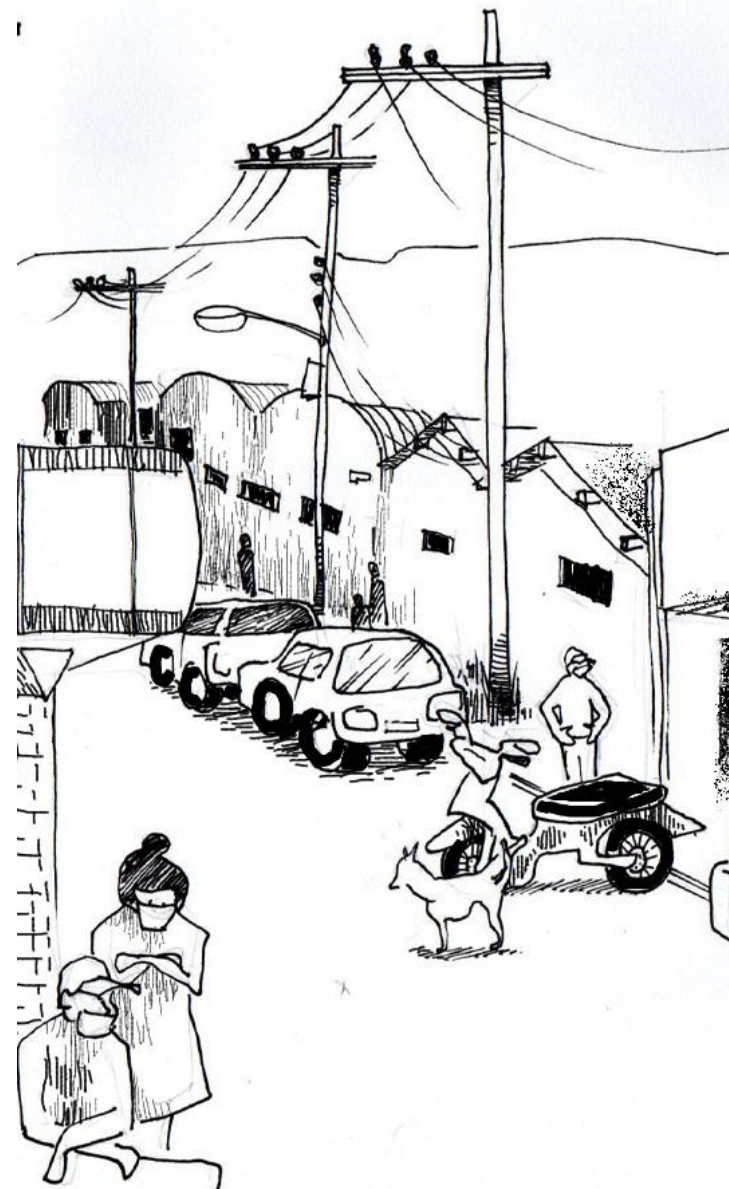


Fig. 80: registros de observação do bairro João Francisco, 2022. (produção própria).

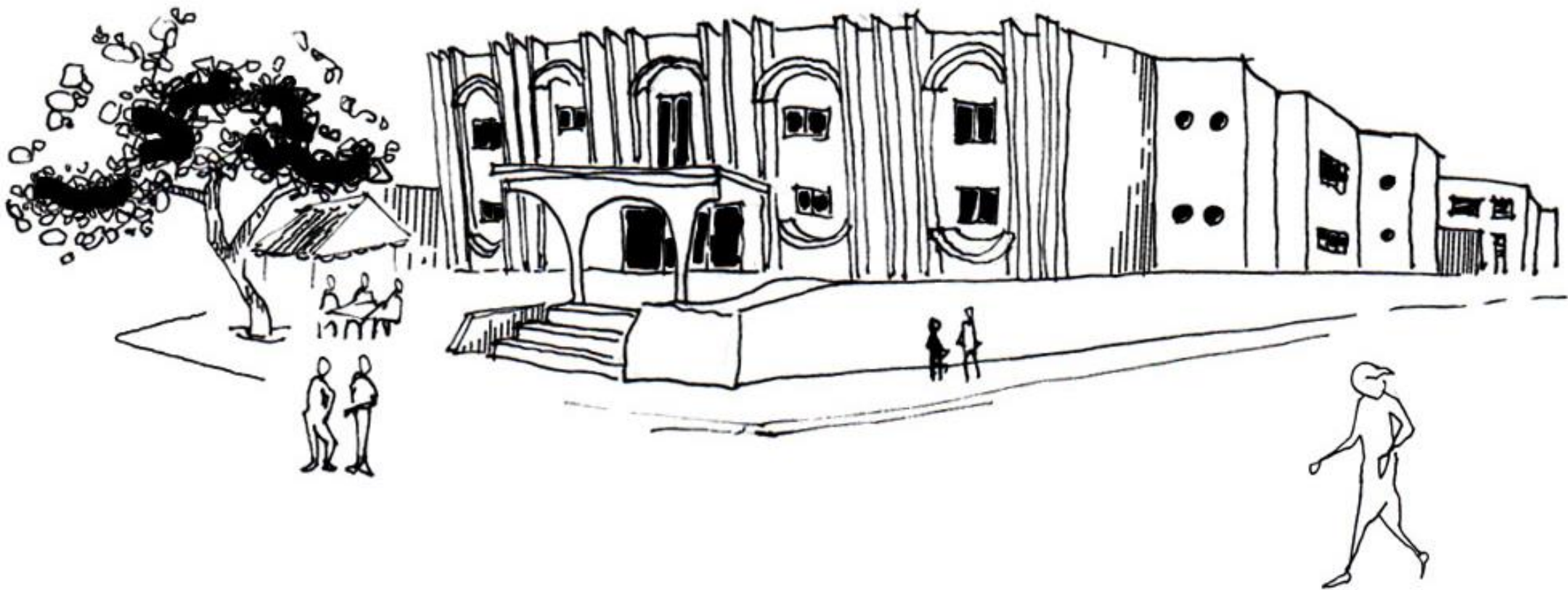


Fig. 81: registros de observação do bairro João Francisco, 2022. (produção própria).

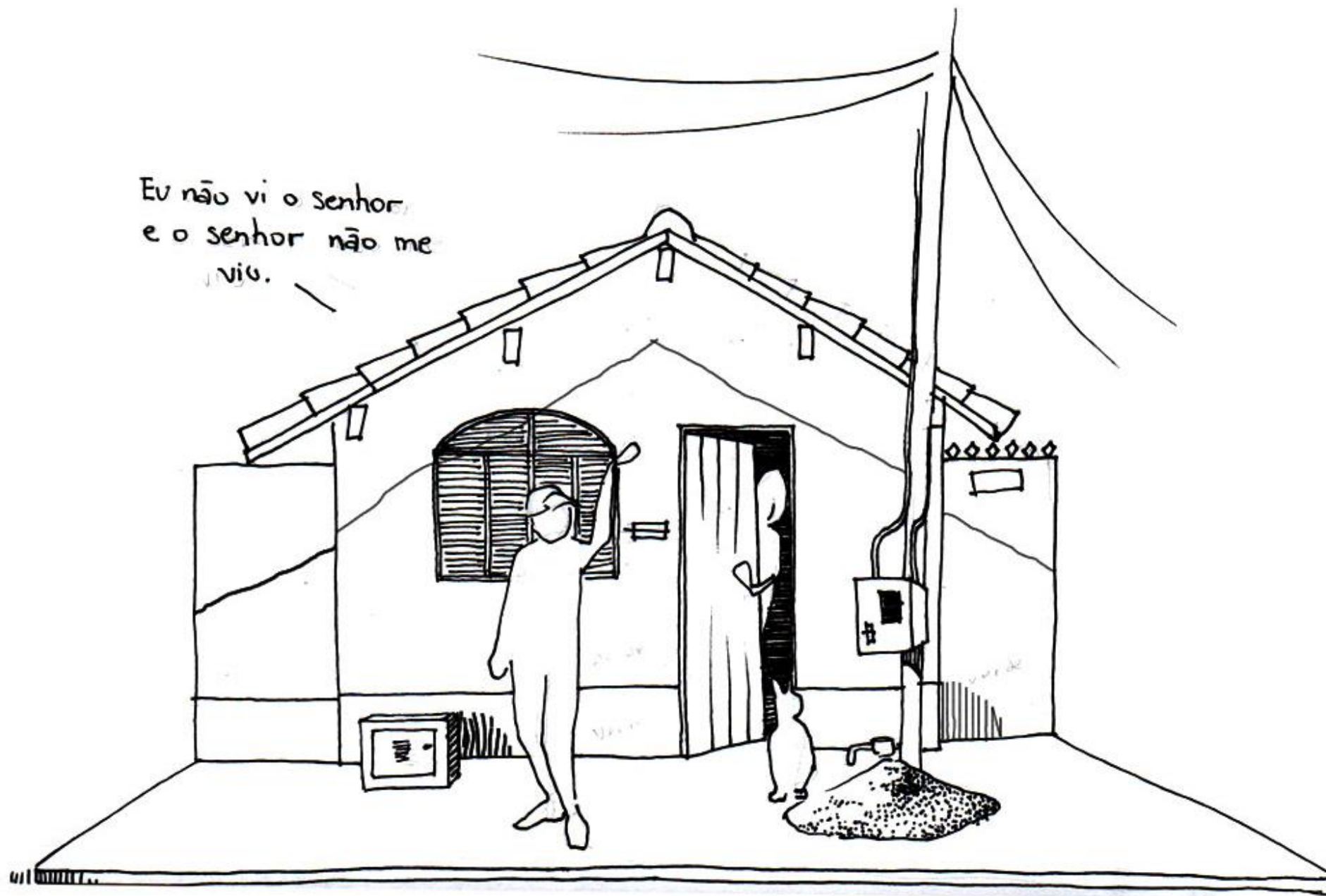


Fig. 82: registros de observação do Setor Aeroporto, 2022. (produção própria).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Quando iniciamos as pesquisas para o desenvolvimento deste trabalho, nossa proposta era questionar a linguagem do profissional de arquitetura e urbanismo a fim de proporcionar diálogos com esses profissionais acerca de que cidades não são bolos com receitas prontas, de que não necessariamente a solução aplicada a um problema identificado em uma cidade vai resolver o mesmo problema identificado em outra. Nossa proposta era oferecer e incentivar uma escuta empática em substituição à escuta prepotente praticada pelo arquiteto-urbanista, entendendo os lugares de fala dentro das cidades.

A ativista urbana, Jane Jacobs diz que,

As cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano. É nesse laboratório que o planejamento urbano deveria aprender, elaborar e testar suas teorias. Ao contrário, os especialistas e os professores dessa disciplina têm ignorado o estudo do sucesso e do fracasso na vida real, não têm tido curiosidade a respeito das razões do sucesso inesperado e pautam-se por princípios derivados do comportamento e da aparência de cidades, subúrbios, sanatórios de tuberculose, feiras e cidades imaginárias perfeitas – qualquer coisa que não as cidades reais. (JACOBS, 2011, p. 5)

Com o caminhar da pesquisa, e até com nosso próprio caminhar pela cidade entre os sujeitos que vivem essa cidade, reconhecemos o quanto esse exercício de experienciar e escutar pode nos revelar a quantidade de cidades que existem dentro de uma única cidade. Entender o espaço urbano tendo como referência o corpo humano, sua posição geográfica, seu alcance sinestésico, seus deslocamentos físicos e mentais, sua memória e imaginação, revelam uma compreensão que extrapola qualquer limite territorial e físico. A inserção do homem na paisagem é o que transforma essa paisagem em um lugar. Cada sujeito constrói e vivencia sua própria cidade

baseado nas experiências que aquele lugar proporcionou, e quando entendemos que, ainda que arquitetos-urbanistas somos também sujeitos inseridos nessa cidade temos compreensão da dimensão e da importância da elaboração de propostas projetuais inclusivas, democráticas e acessíveis, estruturadas não somente nos conhecimentos técnicos adquiridos ao longo da trajetória profissional, mas nas demandas e vozes que a própria cidade fornece. Holzer diz que

“Na experiência do lugar existe a sensação de familiaridade, enquanto que na paisagem somos observadores, pessoas fora da cena. Por isso o papel do tempo, da vivência prolongada, é fundamental para a caracterização do lugar”. (HOLZER, 2000, p.119)

Cenários que envolvem pequenas cidades podem ser tão segregadores quanto os que envolvem as grandes cidades. Relações de poder existem em todas as esferas, e a invisibilização resultante disso acarreta em prejuízos que alteram o curso de desenvolvimento de muitas comunidades. A Cidade de Goiás, enquanto cidade que possui em seu desenho urbano a existência de dois centros de desenvolvimento que disputam as atenções dos investimentos públicos e do favoritismo político, desdobra outros cenários de negligência urbana com as periferias e distritos que crescem e resistem como podem, estruturados em seus próprios investimentos e capacidades.

Seu maior patrimônio são seus moradores que, circulando por suas artérias, levam e trazem de e para seus espaços o reconhecimento e o valor necessários para que as relações de pertencimento sejam estruturadas e fortalecidas. Relações essas que agregam aos espaços urbanos a identidade necessária para que os alicerces sejam reconhecidos. Ante de propor cidade em cima de cidade, a principal função do arquiteto-urbanista deve ser a escuta. Antes de abrir

gigantescas pranchas, cheias de desenhos perfeitamente traçados com todos os textos de especificações técnicas, todas as cotas, escalas, nortes e eixos, o arquiteto-urbanista deve abrir os olhos e observar com sensibilidade. Cidades falam por si mesmas, comunidades falam por si mesmas e, muitas vezes, sabem qual a solução mais apropriada para as suas demandas. Cabe aos profissionais responsáveis pela projeção dessas cidades saber ouvir para identificar, entendo que quanto menos tempo temos de envolvimento com aquele espaço, menos formação de memória desse lugar possuímos, a não ser as do lugar do outro.

## 8. Referências

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **O desenho: Aula inaugural ministrada na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1967**. São Paulo: Centro de Estudos Brasileiros do Grêmio Estudantil da FAUUSP, 1967. In Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n.3, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968, p.23-32.

BARBOSA, Raquel Miranda. **Com areia, também, se constrói patrimônio: o poder das imagens em Goiandira do Couto**. Escritas, Vol. 10, n.1 (2018) ISSN2238-7188, p.23 – 42.

**CEPI JUBÉ**. In: Instagram, 2020. Disponível em: << <https://www.instagram.com/cepijube2/>>> Acesso em: 01.Abr.2022.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 3ª edição, 1998.

CHAUL, Nasr Fayad. **Goiânia: a capital do sertão**. Dossiê Cidades Planejadas na hinterlândia, Revista UFG, Junho 2009, Ano XI n.6.

COELHO, Gustavo Neiva. **O Espaço urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2001.

FATHY, Hassan. **Construindo com o povo: arquitetura para os pobres**. Tradução de Maria Clotilde Santoro. Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

GARCIA, Camila. **Strist Vistas**. Publicação independente, impressão e edição caseiras, 2021. Disponível em:<<<https://portfoliocamilagarcia.tumblr.com/tagged/experimentais%20&%20etc.>>> Acesso em: 10.fev.2022.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GONÇALVES, Nayara. **Tête-à-tête: Goiás**. In: Instagram, 2020. Disponível em:<< [https://www.instagram.com/tete\\_a\\_tete\\_goias/](https://www.instagram.com/tete_a_tete_goias/)>> Acesso em: 30.Mar.2022.

HOLZER, Werther. **Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo**. GEOgraphia – Ano. II, Nº 3, 2000.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3ª ed – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Coleção Cidades)

LIMA, Elder Rocha. **Octo Marques: trajetória de um artista**. Goiânia: Superintendência do Iphan em Goiás, 2009.

LIMA, Elder Rocha. **Guia afetivo da Cidade de Goiás**. Brasília,DF: IPHAN / 14ª Superintendência Regional, 2008.

MAIA, Tom; ÉLIS, Bernardo; MAIA, Thereza Regina de Camargo. **Vila Boa de Goiás**. São Paulo: Ed. Nacional; Rio de Janeiro: EMBRATUR, 1979.

PENNA, José Osvaldo de Meira, 1917 -. **Quando mudam as capitais: apresentação do presidente Juscelino Kubitschek**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

PEREIRA, Alex. **O mago das areias: pintor Auriovane D'Ávila celebra trinta anos de carreira**. Jornal Diário da Manhã, 2020. Disponível em:<< <https://www.dm.com.br/cultura/2020/08/o-mago-das-areias/> >> Acesso em: 30.Mar.2022.

RIBEIRO, Elisa Azevedo. **Entre a rua e o imaginário**. Uberlândia, MG: Ed. Da Autora, 2021.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. São Paulo: Projeto, 1985.

SILVA, Jonathas Magalhães Pereira da. **Desenho como questionamento: distintas dimensões de planos e projetos urbanos**. Rio de Janeiro: FAUFRJ, São Paulo: PUC-Campinas. 1ª edição, 2019.

TUAN, Yi – Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. New Jersey, 1974.

**FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA DA CIDADE DE GOIÁS.** *In:* IBGE Cidades. Disponível em:<<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/historico>>> Acesso em: 21.mar.2022.

**CÂMPUS  
GOIÁS**



**UFG**  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS